

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E LETRAS

JOSUÉ DA SILVA COSTA

**“QUEM NASCE EM CANUDOS É O QUÊ?”:
SEQUELAS DISTÓPICAS EM *OS SERTÕES* E REPRESENTAÇÃO
SOCIAL EM *BACURAU***

TAUBATÉ – SP
2020

JOSUÉ DA SILVA COSTA

**“QUEM NASCE EM CANUDOS É O QUÊ?”:
SEQUELAS DISTÓPICAS EM *OS SERTÕES E* REPRESENTAÇÃO
SOCIAL EM *BACURAU***

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Sociais e Letras da Universidade de Taubaté, como parte dos requisitos para obtenção da licenciatura em Letras.

Orientador: Prof. Me. Luzimar Goulart Gouvêa

**TAUBATÉ – SP
2020**

**Grupo Especial de Tratamento da Informação - GETI
Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI
Universidade de Taubaté – UNITAU**

C837q Costa, Josué da Silva
"Quem nasce em Canudos é o quê?": sequelas distópicas em os sertões e representação social em Bacurau / Josué da Silva Costa. -- 2020.
52 f.

Monografia (graduação) – Universidade de Taubaté, Departamento de Ciências Sociais e Letras e Serviço Social, 2020.
Orientação: Prof. Me. Luzimar Goulart Gouvea, Departamento de Ciências Sociais e Letras.

1. Bacurau. 2. Cinema brasileiro. 3. Distopia. 4. Literatura. 5. Os sertões. I. Universidade de Taubaté. Departamento de Ciências Sociais e Letras e Serviço Social. Curso de Letras. II. Título.

CDD – 981

APROVADA EM ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Luzimar Goulart Gouvêa (orientador)
Universidade Estadual de Campinas

Prof. Ma. Thais Travassos
Universidade de Taubaté

Prof. Ma. Deise Nancy de Morais
Universidade de Taubaté

Para minha mãe, a mulher nordestina mais forte do mundo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu companheiro de curso e de vida, Leonardo Thomaz Carlini, por todo apoio emocional, físico, e acima de tudo, moral. Antes mesmo de entrar no curso, ele foi o meu maior incentivador. Foi com ele que eu tive a oportunidade de me conhecer, e é com ele que eu aprendo cada dia mais a ser a minha melhor versão. Sem ele, eu não teria chegado nem à recepção da universidade, e eu espero que, em todas as minhas empreitadas, eu o tenha ao meu lado, para dar sentido a tudo o que eu venha a alcançar.

Agradeço as minhas amigas Gisele Alves dos Reis e Julia Bonani Barboza, por terem me dado toda força nos momentos em que mais precisei, por me aguentarem com minhas inúmeras dúvidas e receios, pedindo revisões de parágrafos e, às vezes, páginas inteiras, e por me acompanharem nas mais diversas e divertidas experiências de minha vida. Agradeço também as minhas colegas de classe, Gabriela Nerozi Aguiar, Giovanna Velho Ganassali de Oliveira, Maria Cristina Mendes Pereira, Maria Eduarda Andrade Grunvald, Maria Eduarda Lima Marcellino de Oliveira e Maria Gabriela de Andrade, a quem eu devo muito pelas aulas extras, pelas sessões de terapia e pelos inúmeros licores.

Agradeço, por fim, aos meus professores, por todos os ensinamentos dentro e fora do âmbito acadêmico, e em especial a dois deles: Thais Travassos, por ter me introduzido à obra central de estudo deste trabalho, e fomentado meu interesse pelo estudo de literatura comparada; e ao meu orientador, o professor Mestre Luzimar Goulart Gouvêa, por ter me guiado e me aguentado com toda a paciência e dedicação, não somente durante a construção deste projeto, como por toda a minha graduação – ainda que eu não tenha sido fácil de lidar.

A todos vocês, o meu muito obrigado.

“Não somos europeus nem americanos do norte,
mas destituídos da cultura original, nada nos é
estrangeiro, pois tudo o é.”

Paulo Emílio Salles Gomes

RESUMO

O tema da presente monografia é a luta sertaneja retratada em diferentes textos. Tomaremos como objeto de estudo o romance *Os sertões*, de Euclides da Cunha, e o filme *Bacurau*, de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles. Como pergunta de pesquisa, temos: quais são as relações de diálogo entre o romance *Os sertões* e o filme *Bacurau*? Como a representação de uma parcela da sociedade é apresentada nas duas obras? De que forma elas se comunicam? Os objetivos desta pesquisa são: 1) apresentar o contexto em que se situa a obra de Euclides e pontuar sua narrativa da luta dos sertanejos na Guerra de Canudos; 2) apresentar uma parte da história do cinema brasileiro e apontar a intertextualidade entre filmes nacionais e o romance de Euclides e 3) comparar os elementos presentes na obra com partes do enredo do filme, comprovando os jogos dialógicos do romance e da estruturação da obra ficcional. Tal pesquisa tem por justificativa contribuir para a percepção do impacto que obras clássicas da literatura brasileira, como a de Euclides da Cunha, por exemplo, causam até os dias de hoje nas mais diversas expressões artísticas e evidenciar a importância da representação da força dos povos nordestinos na indústria audiovisual. A metodologia a ser empregada será a da pesquisa bibliográfica com cunho qualitativo. A fundamentação teórica se ancora em autores como Antonio Candido (1980), Olímpio de Souza Andrade (1996), Paulo Emílio Salles Gomes (1996) e Sheila Schvarzman (2012). Como resultados, temos que a obra de Euclides da Cunha se manteve relevante durante a construção do cinema e, até hoje, mantém tal relevância, se fazendo presente na concepção de *Bacurau*, desde seu enredo até seus personagens, estabelecendo assim um diálogo vívido e representativo entre ambas as obras da importância da cultura sertaneja e da força do povo nordestino.

Palavras-chave: *Bacurau*. Cinema Brasileiro. Distopia. Literatura. *Os sertões*.

ABSTRACT

The subject of this monography is the struggle of the *sertanejo* portrayed in different texts: literary and cinematographic. We will study the novel *Os sertões*, by Euclides da Cunha, and the film *Bacurau*, by Kleber Mendonça Filho and Juliano Dornelles. As the research questions, we have: what are the relations of dialogue between the novel *Os sertões* and the film *Bacurau*? How is the representation of this portion of society presented in the two works? How do they communicate? The objectives of this research are: 1) to present the context in which Euclides' work is located and to punctuate his narrative of the struggle of the *sertanejos* in the Canudos War; 2) present a piece of the history of Brazilian cinema and point out the influences that Euclides' novel has on national films, and 3) compare the elements presented in the work with parts of the film's plot, proving the influence of the novel in the structuring of the movie. Such research has as justification, the contribution of the perception of the impact that classic works of Brazilian literature, such as that of Euclides da Cunha, for example, cause to this day in the most diverse artistic expressions, and to highlight the importance of representing the strength of the northeastern people of Brazil in audiovisual industry. The methodology used will be bibliographic research with a qualitative nature. The theoretical basis is anchored in authors, such as Antonio Candido (1980), Olímpio de Souza Andrade (1996), Paulo Emílio Salles Gomes (1996) and Sheila Schavarzman (2012). As a conclusion, we have that the work of Euclides da Cunha remained relevant during the construction of the Brazilian cinema and, until today, it maintains such relevance, being present in the making of *Bacurau*, from its plot to its characters, thus establishing a vivid and representative dialogue between both works of the importance of the *sertanejo* culture and the strength of the northeastern people of Brazil.

Keywords: *Bacurau*. Brazilian cinema. Dystopia. Literature. *Os sertões*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. DISTOPIA FORA DA FICÇÃO.....	11
1.1. O homem, suas terras e suas lutas.....	11
1.2. Âmago.....	15
1.3. O Estado X O povo.....	17
2. O ELEMENTO CINEMATOGRAFICO.....	26
2.1 Primórdios.....	26
2.2 Intertextualidades.....	29
2.3 Um novo olhar, ou dois.....	32
3. DENÚNCIA SOCIAL DENTRO DA FICÇÃO.....	35
3.1 Se for, vá na paz.....	35
3.2 Euclides, Kléber e Juliano entram num bar.....	42
3.3 O Peregrino messiânico e O Cangaceiro andrógino.....	47
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
5. REFERÊNCIAS.....	51

INTRODUÇÃO

A Guerra de Canudos foi um dos maiores massacres ocorridos na história brasileira. Sob um pretexto de uma possível vanguarda monárquica fanática, o governo assolou os sertanejos, moradores da cidade do interior nordestino, mas a luta não foi fácil: os sertanejos resistiram até o fim, sem se render às tropas do exército brasileiro. Euclides da Cunha, jornalista e poeta, publica os acontecimentos dessa guerra juntamente com uma análise geográfica, antropológica e sociológica, chamada *Os sertões*. Anos depois, com a chegada do cinema, o texto impacta o imaginário dos cineastas, que o procuram como inspiração e referência, direta ou indiretamente. O legado de Euclides da Cunha e seus escritos reverberam no universo cinematográfico brasileiro. Este trabalho tem como objetivos apresentar e pontuar a narrativa da luta dos sertanejos na Guerra de Canudos por parte de Euclides da Cunha, comprovar seu lugar ao longo da construção do cinema nacional e, em particular, na estruturação de *Bacurau*, obra ficcional de Kléber Mendonça Filho e Juliano Dornelles. *Bacurau* traz em seu enredo a luta pela sobrevivência de uma cidade do interior nordestino. Nesse arraial distópico, os erros do presente acabam por espelhar as tragédias do passado no futuro. Ao longo do trabalho, são constatados quais são as relações entre o romance de Euclides, o cinema brasileiro e o filme de Mendonça Filho e Dornelles, e como as duas obras apresentam e representam o nordeste e o nordestino. Ancorado em teóricos como Antonio Candido (1980), Paulo Emílio Salles Gomes (1966) e Sheila Schvarzman (2012) – que discutem e conversam sobre o cinema brasileiro – e Olímpio de Souza Andrade – que teoriza sobre a vida de Euclides antes, durante e depois de *Os sertões* – e empregando como metodologia a pesquisa bibliográfica com cunho qualitativo, este trabalho tem por justificativa contribuir para percepção do impacto que obras clássicas da literatura brasileira, como a de Euclides da Cunha, por exemplo, causam até os dias de hoje nas mais diversas expressões artísticas e evidenciar a importância da representação da força dos povos nordestinos na indústria audiovisual.

1. DISTOPIA FORA DA FICÇÃO

Neste primeiro capítulo, a obra e a vida de Euclides da Cunha serão abordadas. A princípio, será traçada uma breve panorama biográfico, passando desde seu nascimento, sua trajetória até o reconhecimento entre a elite intelectual e até, por fim, a sua trágica morte. Depois, a obra clássica *Os sertões* será introduzida, com um breve resumo de suas três partes constituintes, tendo a terceira uma atenção e um detalhamento maior, em vista de sua relevância para o maior entendimento da Guerra de Canudos – segundo Euclides da Cunha.

1.1. O homem, suas terras e suas lutas

Foram múltiplas e complexas as influências que, adstritas à influência dominadora da terra, fizeram de Euclides o esquisitão, o original que sempre foi, a começar pelo manejo da língua, pelo uso daquilo que mais amava, a palavra, cujo prestígio restaurou no seu tempo, dando às coisas, aos homens e aos fatos a definição justa, corajosa.¹

De seu nascimento em 20 de janeiro de 1866 em Cantagalo, RJ, até os 12 anos de idade, Euclides Rodrigues da Cunha viveu na região Sul-Fluminense do Vale do Paraíba. Filho de Manuel Rodrigues Pimenta da Cunha e Eudóxia Moreira, Euclides nasceu na fazenda da Saudade, localizada no arraial de Santa Rita do Rio Negro – hoje, Euclidelândia. Apesar da riqueza da cidade, a criação de Euclides foi em meio à pobreza e à humildade. Aos três anos de idade, perdeu a mãe para a tuberculose e foi morar com sua tia, Rosinda Gouvea, em Teresópolis. Passou pela casa de outros tios até entrar, aos oito anos, no Colégio Caldeira em São Fidélis.

Os anos decorridos no Colégio Caldeira salientaram mais, para os que com ele conviviam, a sua inteligência, a sua altivez, o seu retraimento. [...] Nas bibliotecas dos clubes, como nas ricas vivendas daquela época, podiam ser lidos, além dos poetas e romancistas nacionais mais em voga, Voltaire, Rousseau, Montesquieu, Victor Hugo, Lamartine, Musset, cujas ideias, misturadas mais tarde às de Comte, legaram ao menino-moço as inquietações que raro não roubam aos artistas a segurança de que não podem prescindir. Dali, portanto, não foi só a natureza que se aboletou na sua alma, fazendo “filho da terra, perdidamente enamorado dela”².

¹ ANDRADE, 1966, p. 21

² Ibid., p. 19-20

Após estudar por um tempo na Bahia e em vários outros colégios da região fluminense, Euclides passa a estudar sob a orientação de Benjamin Constant – grande republicano – no Colégio Aquino, entre 1883 e 1884. Aqui, Euclides publica um dos seus primeiros trabalhos em prosa, “Em viagem”, no periódico *O Democrata*. Dois anos depois, como cadete na Escola Militar da Praia Vermelha no Rio de Janeiro, escreve um poema “de inspiração filosófica e metafísica e com tom melancólico”³. Passados outros dois anos, Euclides provoca um incidente nessa Escola que marca para sempre sua escrita, sua ideologia e, acima de tudo, sua carreira militar:

Há pelo menos duas versões sobre o motivo do incidente. A primeira diz que o governo resolvera transferir a Escola Militar da Praia Vermelha para Angra dos Reis, a fim de diluir as agitações políticas da Corte. Ademais, os alunos do terceiro ano não haviam recebido promoção, segundo a lei, para o posto de alferes-aluno. Por estas razões, Euclides e alguns companheiros de farda resolveram fazer um manifesto aberto diante do Ministro da Guerra do Império [...]. A segunda versão constata que os alunos se preparavam para assistir ao desembarque do tribuno republicano Lopes Trovão, que voltava da Europa pelo vapor *Ville de Santos*, o que se daria no dia 4 de novembro. Uma visita regulamentar com revista de Tomás Coelho foi adiada do dia 2 para o dia 4, provavelmente para impedir o comparecimento dos alunos ao desembarque. Durante o desfile, Euclides sai de forma, da segunda companhia, e em vez de levantar o seu sabre-baioneta de sargento em saudação, tenta quebrá-lo no joelho e, não o conseguindo, atira-o em seguida ao chão, proferindo palavras de protesto aos seus colegas republicanos que desfilavam para um ministro do Imperador. Foi retirado do recinto por ordem do comandante, coronel José Clarindo de Queiroz. [...] Euclides é expulso da escola e transferido para o Hospital Militar no Morro do Castelo, onde se recolheu com toda sua altivez, certo de haver honrado um compromisso, recusando-se terminantemente a aceitar os conselhos de seus superiores, que procuravam forjar uma versão inocente para justificar seu corajoso ato de rebeldia e indisciplina. [...] Excluído da Escola Militar, viaja para São Paulo em 20 de dezembro, onde é bem recebido pelos republicanos. A convite de Júlio de Mesquita, diretor de *A Província de S. Paulo (O Estado de S. Paulo)*, começa a escrever para esse jornal em 22 de dezembro (“A Pátria e a Dinastia”) e, em 29 do mesmo mês e no dia 1º do mês seguinte, com o pseudônimo de “Proudhon”, redigirá dois artigos intitulados “Questões Sociais” (“Revolucionários” e “89”).⁴

Porém, em 19 de novembro de 1889, Euclides é reintegrado ao exército em vista da Proclamação da República, 4 dias antes. Benjamin Constant, seu antigo mestre no Colégio Aquino e agora ministro da Guerra, é quem apoia a volta de Euclides a instituição. Sua escrita em *A Província de S. Paulo* – hoje, *O Estado de S. Paulo* – é continuada com uma

³ CUNHA, 2018, p. 52

⁴ Ibid., p. 52 - 54

série de oito crônicas chamada “Atos e Palavras”, além de outras crônicas subsequentes, como “Da Corte” e “Homens de Hoje”.

No primeiro semestre de 1890, Euclides ingressou na Escola Superior de Guerra, concluiu o curso de artilharia e foi promovido a segundo-tenente e ainda oficial do Batalhão Acadêmico. Sua volta ao exército foi seguida de sucessos, e para completar a maré de boas notícias, em setembro do mesmo ano casa-se com Anna Emília Ribeiro. Entretanto, o ano de 1891 começou com Euclides saindo de licença para um tratamento de saúde e termina com a morte de sua filha Eudóxia, semanas depois de seu nascimento. Nesse ano, Euclides também realizou os cursos de Estado-Maior e Engenharia Militar na Escola Superior de Guerra, o que trouxe a promoção a primeiro-tenente do Estado-Maior no ano seguinte. E, em novembro de 1892, nasce seu primeiro filho, Solon – o segundo nome de seu sogro, Major Frederico Solon Sampaio Ribeiro. Dessa data até o nascimento do segundo filho – Euclides, o Quidinho – em 18 de julho de 1894, Euclides trabalha como estagiário na Estrada de Ferro Central do Brasil, dirige provisoriamente a construção de trincheiras no Morro da Saúde, RJ, e publica um protesto na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro contra as ideias punitivistas do senador florianista João Cordeiro, para com os prisioneiros da Revolta da Armada.

Em 1897, Euclides publica o primeiro ensaio sobre a guerra de Canudos, que havia irrompido em novembro do ano anterior. Dividido em duas partes, “A nossa Vendeia” foi publicado no diário *A Província de S. Paulo (O Estado de S. Paulo)*. O ensaio comparava a região francesa da Bretanha com os sertões da Bahia: as charneças com as caatingas, o revoltoso *chouan* com o jagunço, apontando, em ambas as guerras, um mesmo objetivo por parte das cidades de Vendeia e Canudos: lutar contra a República e restaurar a Monarquia.

Quando escreveu essas páginas lúcidas, que contêm tanto de *Os sertões*, Euclides estava longe de supor que o episódio de Canudos levá-lo-ia ao sertão baiano, de onde retornaria com o esquema do seu livro, de um livro que seria *Os sertões*, lastreado com os conhecimentos que desde há muito adquiria, com outros que ainda adquiriria, evidenciando que, na verdade, aquela não foi uma obra improvisada. Também é de observar que a terminologia do escritor se alterava, incorporando expressões que não são prerrogativas da Economia Moderna. [...] Por ora Euclides, embora senhor de perspectiva ampla para observar o fenômeno, ainda se mantinha preso aos velhos ardores republicanos. Mas a sua crença em restauração monárquica como único móvel dos “entreveros” no sertão, não era da mesma natureza daquela que mantinha tão exaltados os ânimos. Afirmava-a mas sem denotar absoluta convicção, deixando pensar que somente o desejo de restauração não explicava sublevação tão poderosa. É o que permite concluir a leitura do seu artigo, “A nossa Vendeia”, uma semana após o noticiário do desastre de Moreira César, 14 de março, data também de uma carta ao amigo de Campanha

em que dizia: “O que me impressiona não são as derrotas – são as derrotas sem combate – em que o chão fica vazio de mortos e o Exército se transforma num bando de fugidos!”⁵

Julio Mesquita, proprietário de *O Estado de S. Paulo*, é quem possibilita a ida de Euclides para a cidade de Canudos, depois dos pedidos do autor para realizar a reportagem da guerra de Canudos. Em 3 de agosto, parte para Salvador, Bahia, de navio, junto com a comitiva militar do Ministro da Guerra, Marechal Bittencourt. No dia 30 do mesmo mês, começa sua jornada pelo sertão baiano. Em Canudos, Euclides chega no dia 16 de setembro – 6 dias antes da morte de Antônio Conselheiro –, realizando suas primeiras notas de *Os sertões* referentes à última campanha militar feita na cidade.

Os primeiros fragmentos publicados de *Os sertões* apareceram no *O Estado de S. Paulo* com o título de “Excerto de um Livro Inédito”, em 19 de janeiro de 1898. Nos 3 anos subsequentes, a obra toma forma com a influência e ajuda de amigos, como Francisco Escobar e José Augusto Pereira Pimenta. Em janeiro de 1901, nasce seu terceiro filho, Manuel Afonso, e em dezembro do mesmo ano, o manuscrito de *Os sertões* chega a Lúcio de Mendonça, que o encaminha à Livraria Laemmert. Euclides custeia parte da primeira edição do seu livro – um conto e quinhentos mil-réis – e no final do ano de 1902, após várias correções, adições e emendas, o livro começa a ser vendido.

A primeira edição esgota-se em poucas semanas. O livro é recebido com incomum entusiasmo pelos grandes críticos da época, Araripe Júnior, José Veríssimo e Sílvio Romero. Pelas críticas irreverentes e atrevidas que fez das operações militares, e pela descrição viva e colorida dos aspectos da natureza sertaneja, inteiramente desconhecida do público das capitais, Euclides demonstra ser um observador arguto e imaginativo ao mesmo tempo, possuidor de bons conhecimentos científicos, escritor versado em Estratégia Militar, Botânica, Geologia, Etnografia, História, Geografia e Literatura, narrando com um estilo incisivo e vigoroso, inteiramente próprio e original.⁶

Euclides não conquistou apenas a glória literária e o respeito da classe intelectual na época, como também conquistou a vaga de membro da Academia Brasileira de Letras, eleito com 24 votos de um total de 31 votantes. Passa por cargos como engenheiro-fiscal da Comissão de Saneamento de Santos e chefe da Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus, enquanto escreve para livros de colegas e para revistas.

⁵ ANDRADE, 1966, p. 92-93

⁶ CUNHA, 2018, p. 58-59

Em 1906, sua esposa dá à luz o quarto filho, Mauro, sendo este de Dilermando Cândido de Assis, amante de Anna. A criança falece uma semana depois de seu nascimento. Em novembro do ano seguinte, nasce Luiz, outra criança da relação adúltera de Anna e Dilermando. Neste meio tempo, Euclides contrai malária, publica o livro *Contrastes e Confrontos*, toma posse na Academia Brasileira de Letras e ainda é afugentado por tuberculose, numa verdadeira sucessão de altos e baixos. O ano de 1909, porém, marca o último ponto alto e o último ponto baixo de sua vida.

Euclides presta concurso em 17 de maio para a cadeira de Lógica no Colégio Dom Pedro II. Fica em segundo lugar no resultado, atrás do filósofo cearense Farias Brito, porém, cabia ao então presidente da República, Nilo Peçanha, escolher entre os dois candidatos. Euclides é escolhido. Deu 10 aulas na cátedra, entre 21 de julho a 13 de agosto. Dois dias depois, na manhã de 15 de agosto de 1909, Euclides da Cunha foi até a casa de Dilermando no subúrbio do Rio de Janeiro, para onde Anna tinha fugido com seus filhos. Euclides disparou seis vezes contra o amante de sua esposa, acertando-o na virilha e no peito. Dilermando disparou quatro vezes contra Euclides: no pulso, na clavícula e nas costas, assassinando-o. Seu último livro, *À margem da história*, foi publicado dias após sua morte.

1.2. Âmago

Os sertões, obra-prima de Euclides da Cunha e, literalmente, patrimônio público brasileiro, carrega em seu título a identificação imediata, por se tratar de um dos maiores escritos da literatura nacional. Ao longo dos 118 anos desde a publicação, entre inúmeras edições, adaptações e traduções, o livro se tornou intrínseco do estudo literário, histórico sociológico e científico. Sua estrutura, dividida entre “A Terra”, “O Homem” e “A Luta”, demonstram que, já no planejamento, o pensamento determinista de Taine era o que norteava as crenças filosóficas do autor – meio ambiente, raça e momento histórico, respectivamente.

Em “A Terra”, Euclides faz a apresentação geográfica do Sertão da Bahia, tratando sobre a seca, o clima, o deserto, narrando com palavras rebuscadas, de caráter científico. Os cinco capítulos que estruturam essa parte são: “I *Preliminares*. A entrada do sertão. *Terra ignota*. Em caminho para Monte Santo. Primeiras impressões. Um sonho de geólogo.”, “II. Golpe de vista do alto de Monte Santo. Do alto da Favela.”, “III. O clima. Higrômetros

singulares.”, “IV. As secas. Hipóteses sobre a sua gênese. As caatingas. O juazeiro. A tormenta. Ressurreição da flora. O umbuzeiro. A jurema. O sertão é um paraíso. Manhãs sertanejas.” e “V. Uma categoria geográfica que Hegel não citou. Como se faz um deserto. Como se extingue o deserto. O martírio secular da terra”. Apesar de ser uma verdadeira análise geológica, Euclides deixa sua escrita artística florear entre as descrições, tornando-as, até, poéticas:

Não há alvitrar-se outro recurso. As cisternas, poços artesianos e raros, ou longamente espaçados lagos como o de Quixadá, têm um valor local, inapreciável. Visam, de um modo geral, atenuar a última das consequências da seca – a sede; e o que há a combater e a debelar nos sertões do Norte – é o deserto. O martírio do homem, ali, é o reflexo de tortura maior, mais ampla, abrangendo a economia geral da Vida. Nasce do martírio secular da Terra...⁷

Em “O Homem”, Euclides traz um estudo antropológico e sociológico sobre o sertanejo. Aqui, a influência do determinismo de Taine se mostra mais presente, e as tendências preconceituosas do autor – e da época – ficam explícitas, como no trecho em que descreve o sertanejo chamando-o de “Hércules-Quasímodo”⁸, ou seja, forte e destemido como o filho de Zeus, herói da mitologia grega, porém “desgracioso, desengonçado, torto”⁹, como o personagem central do romance *Notre-Dame de Paris* ou *Corcunda de Notre-Dame* (1831), de Victor Hugo. Além do Sertanejo, do Jagunço e do Cangaceiro, Euclides analisa a vida e os antecedentes de Antônio Conselheiro, o messiânico em que a responsabilidade da suposta alienação monárquica da cidade era depositada.

Os capítulos que formam essa parte são: “I. Complexidade do problema etnológico no Brasil. Variabilidade do meio físico e sua reflexão na História. Ação do meio na fase inicial da formação das raças. A formação brasileira no Norte. Os primeiros povoadores. Os jesuítas. Gênese do mulato.”, “II. Gênese dos jagunços. O vaqueiro, mediador entre o bandeirante e o padre. Função histórica do Rio S. Francisco. Os jagunços: colaterais prováveis dos paulistas. Fundações jesuíticas na Bahia. Causas favoráveis à formação mestiça dos sertões, distinguindo-a dos cruzamentos no litoral. Um parêntesis irritante. Uma raça forte.”, “III. O sertanejo. Tipos díspares: o jagunço e o gaúcho. Os vaqueiros. Servidão inconsciente; vida primitiva. A *vaquejada* e a *arribada*. Tradições. A seca. Insulamento no

⁷ Ibid., p. 147

⁸ Ibid., p. 207

⁹ Ibid.

deserto. Religião mestiça; seus fatores históricos. Caráter variável da religiosidade sertaneja: a Pedra Bonita e Monte Santo. As missões atuais.”, “IV. Antônio Conselheiro, documento vivo de atavismo. Um gnóstico bronco. Grande homem pelo avesso, representante natural do meio em que nasceu. Antecedentes de família: os Maciéis. Lutas entre Maciéis e Araújo. Uma vida bem auspiciada. Primeiros reveses; e a queda. Como se faz um monstro. Peregrinações e martírios. Lendas. As prédicas. Preceitos de montanista. Profecias. Um heresiarca do século II em plena idade moderna. Tentativas de reação legal. Hégira para o sertão” e “V. Canudos – antecedentes – aspecto original – e crescimento vertiginoso. Regime da *urbs*. População multiforme. Polícia de bandidos. O templo. Estrada para o céu. As rezas. Agrupamentos bizarros. Por que não pregar contra a República? Uma missão abortada. Maldição sobre a Jerusalém de taipa.”

A parte final, “A Luta”, é o cerne da obra. Aqui, Euclides detalha a Guerra de Canudos, desde antes da primeira expedição até os últimos sobreviventes. A escrita de Euclides se vira para uma narração quase ficcional, detalhando as quatro expedições de maneira rica, atentando-se aos trajetos das tropas do exército, as diversas investidas e, por fim, o sanguinário massacre. Nem as mais sórdidas distopias de ficção poderiam chegar ao nível de crueldade relatado neste documentário da guerra. Dentro dessa parte, Euclides divide em seis capítulos a sua narrativa: “A Luta”, “Travessia do Cambaio”, “Expedição Moreira César”, “Quarta Expedição”, “Nova fase da Luta” e “Últimos dias”, cada um com seus subcapítulos.

1.3. O Estado X O povo

O primeiro capítulo da terceira parte também se chama “A Luta”, e seus subcapítulos são: “I Preliminares. Antecedentes.”, “II Causas próximas da luta. Uauá. Primeiro Combate.”, “III Preparativos da reação. A guerra das caatingas.” e “Autonomia duvidosa”. Neste capítulo, Euclides conta o início da guerra, que começou por conta de um carregamento de madeiras de Juazeiro, encomendado por Antônio Conselheiro para construção de um templo em Canudos. O juiz da cidade, com intenções de provocação por desafetos anteriores com a cidade, impediu a entrega do material e informou em telegrama urgente para a Bahia que a cidade estava para ser invadida pelo jagunços que seguiam a Conselheiro. O governo da Bahia então dispôs de, aproximadamente, uma centena de

praças – soldados e cabos – para evitar as possíveis investidas dos jagunços. A primeira expedição militar se moveu em direção a Canudos, parando em Uauá para descansar. De madrugada, os guerreiros de Conselheiro atacaram as tropas, usando de facas e foices. Os soldados dispunham de armas mais modernas e, por isso, mataram muitos jagunços, que percebendo a desvantagem, voltaram para Canudos. Os soldados restantes, ainda que maioria perto do número de baixas dos oponentes, se chocaram com a resistência imponente e surpreendente dos conselheiristas e voltaram para a cidade de Juazeiro. Um mês depois, o governo enviou uma segunda tropa. Nessa, o número de praças chegou a cerca de 500, com uma tática nova. Porém, Euclides atenta a um outro oponente do exército à tona.

A luta é desigual. A força militar decai a um plano inferior. Batem-na o homem e a terra. E quando o sertão estua nos bochornos dos estios longos não é difícil prever a quem cabe a vitória. Enquanto o Minotauro, imponente e possante, inerme com a sua envergadura de aço e grifos de baionetas, sente a garganta exsicar-se-lhe de sede e, aos primeiros sintomas da fome, refluí à retaguarda, fugindo ante o deserto ameaçador e estéril, aquela flora agressiva abre ao sertanejo um seio carinhoso e amigo.¹⁰

Os jagunços, protegidos por sua natureza, resistem e sobrevivem. Isolaram Canudos queimando as fazendas ao redor da cidade, se aproveitando do tempo em que o governo da Bahia lutava para provar que eles conseguiriam dar conta sozinhos dos rebeldes de Canudos, sem querer demonstrar fraqueza ao Estado.

O segundo capítulo é nomeado “Travessia do Cambaio”, e seus subcapítulos são: “I Monte Santo. Triunfos antecipados.”, “II Incompreensão da campanha. Em marcha para Canudos.”, “III O Cambaio. Baluartes *sine calcis linimento*. Primeiro recontro. João Grande. Episódio dramático.”, “IV Nos Tabuleirinhos. Segundo combate. A *Legio Fulminata* de João Abade. Novo milagre de Antônio Conselheiro.”, “V Retirada.” e “VI Procissão dos jiraus.”. Aqui, Euclides conta sobre a segunda expedição. Os expedicionários entraram em Monte Santo, uma cidade pequena que se torna o centro de comando dessas forças invasoras. A população, ao ver os militares armados com metralhadoras e canhões, se animou, dando como certa a vitória deles contra os jagunços de Canudos, o que acabou por contagiar os próprios soldados, que, repetindo o erro dos últimos expedicionários, subestimaram os seguidores de Conselheiro. Os homens não se atentavam aos perigos de se

¹⁰ Ibid., p. 361-362

acampar de maneira exposta, não economizavam alimentos e, eventualmente, deixaram o armamento mais pesado para trás. Antes de chegar ao arraial, os suprimentos tinham acabado. A natureza desconhecida não tinha piedade com os praça e, para os jagunços, era uma aliada perfeita. E de aliada a fizeram, se escondendo atrás das dobras do terreno serrano e disparando contra os militares.

O recontro fez-se em vozeria em que, através dos costumeiros vivas ao “Bom Jesus” e ao “nosso Conselheiro”, rompiam brados escandalosos de linguagem solta, apóstrofes insolentes, e entre outras uma frase desafiadora que no decorrer da campanha soaria invariável como um estribilho irônico: “Avança! *fraqueza* do governo!” [...] O combate generalizou-se em minutos, e, como era de prever, as linhas romperam-se de desordem.¹¹

Os guerreiros sertanejos se organizaram em uma fileira, revezando o uso das armas. Se um fosse acertado pelos praças, outro tomava o seu lugar. Se este fosse acertado, lá estava outro guerreiro, pronto para tomar o seu lugar atirando nos soldados. Eventualmente, em vista do armamento superior dos Estados, os sertanejos tiveram muitas baixas e recuaram. Os praças, com apenas quatro baixas, seguiram marchando em direção à Canudos. No dia seguinte, os soldados dispararam um canhão em direção a cidade, e os jagunços que cercavam a tropa de longe confrontaram novamente o avanço do Estado, com investidas corporais sendo respondidas com munições infinitas. Depois de aproximadamente 300 baixas, o exército finalmente recuou, visto que sua artilharia tinha diminuído consideravelmente e a exaustão os atingia.

A notícia dos ataques massivos aos canudenses chegou até os moradores da cidade que, desesperados, suplicavam por um comando ou orientação da parte de Antônio Conselheiro. O messiânico, porém, não se perturbou – como se já tivesse aceitado o destino. Até que a notícia da retirada dos soldados chegou até Canudos, que considerou como um outro milagre de Conselheiro. Enquanto isso, a retirada dos soldados foi recebida de maneira contrária pelos moradores de Monte Santo.

Não havia um homem válido. Aqueles mesmos que carregavam os companheiros sucumbidos claudicavam, a cada passo, com os pés sangrando, varados de espinhos e cortados pelas pedras. Cobertos de chapéus de palha grosseiros, fardas em trapos, alguns pedaços, mal alinhando-se em simulacro de formatura, entraram pelo arraial

¹¹ Ibid., p. 392-393

lembrando uma turma de retirantes, batidos dos sóis bravios, fugindo à desolação e à miséria. A população recebeu-os em silêncio.¹²

O próximo capítulo se chama “Expedição Moreira César”, e seus subcapítulos são: “I O coronel Antônio Moreira César e o meio que o celebrizou. Floriano Peixoto. Moreira César. Primeira expedição regular. Crítica. Cresce a população de Canudos. Como a aguardam os jagunços. Trincheiras. Armas, pólvora, balas e lutadores. João Abade. Procissões. Rezas.”, “II Partida de Monte Santo. Primeiros erros. Nova estrada. Em marcha para o Angico. Psicologia do soldado.”, “III Pitombas. O primeiro encontro. “esta gente está desarmada...”. O pânico e a bravura. “Em acelerado!”. Dois cartões de visita a Antônio Conselheiro. No alto da Favela. Um olhar sobre Canudos. Chegada da força. Rebate.”, “IV A ordem de batalha e o terreno. Cidadela-mundéu. Ataques. Saque antes do triunfo. No labirinto das vielas. Situação inquietadora. Moreira César fora de combate. Recuo. Ao bater da Ave-Maria.”, “V Sobre o alto do Mário. O coronel Tamarindo. Alvitre de retirada. Protesto de Moreira César. Retirada. Vaia.” e “VI Debandada; fuga. Salomão da Rocha. Um arsenal ao ar livre e uma diversão cruel.”. Neste capítulo, Euclides conta as investidas da terceira expedição.

Moreira César, chefe da nova expedição, recrutou cerca de 1200 combatentes e partiu imediatamente para o sertão, com sede de “justiça” e tendo o ataque como estratégia principal. A população de fiéis em Canudos cresceu com a notícia das vitórias, da resistência e dos milagres de Antônio Conselheiro. Os jagunços, esperando uma nova empreitada, já se preparavam com trincheiras e munições como pólvora, pregos e cacos de vidro.

Saindo de Monte Santo em formação de marcha, os soldados penaram com o clima árido e a vegetação desértica, e o chefe da expedição, Moreira César, sofria de ataques epiléticos, que forçavam alguns combatentes a diminuir o passo até a recuperação do Coronel. Depois de alguns dias, o primeiro confronto ocorreu as margens do rio Pitombas. Os jagunços aproveitaram do relevo e atiraram na tropa, acertando alguns soldados. A resposta veio com uma descarga de tiros de metralhadora. O confronto foi rápido. Os jagunços conseguiram fugir, deixando suas armas para trás, que foram encontradas pelo Coronel. A vista do armamento rudimentar aumentou a autoestima de Moreira César.

Movido pela animação de uma certa vitória, o coronel ordenou avanço sem pausas para a cidade, disparando ainda dois tiros de canhão, como um aviso de sua chegada. O sino

¹² Ibid. p, 411

da igreja nova de Canudos batia, convocando os conselheiristas para a luta. Moreira César, prepotente, encoraja sua tropa a invadir Canudos separadamente, e os soldados são engolidos pelas vielas e os corredores das casas, encontrando resistência de jagunços, fiéis ou apenas moradores. Ao avistar a desordem e a ineficácia, o Coronel decide descer o morro até a cidade, e acaba sendo atingido fatalmente. Os soldados batem em retirada. No dia seguinte, a tropa desorganizada, fatigada, ferida e exausta, decide que o melhor a se fazer é recuar enquanto é tempo. Moreira César, depois de protestar pela covardia dos soldados, falece.

As tropas batem em retirada, estarecidos com o que presenciaram, tornando o recuo uma desesperada fuga. Os armamentos ficam para trás, servindo, enfim, de uma melhoria do poder bélico sertanejo, visto que os jagunços encontram as armas e as carregam para a cidade. Mas antes, decapitam os corpos dos soldados mortos, enfileirando suas cabeças e estendendo suas roupas no cenário árido, agora, mórbido. O cadáver de Moreira César vira um “espantalho”, sendo empalado em um galho.

Mas a luta sertaneja começara, naquela noite, a tomar a feição misteriosa que conservaria até o fim. Na maioria mestiços, feitos da mesma massa dos matutos, os soldados, abatidos pelo contragolpe de inexplicável revés, em que baqueara o chefe reputado invencível, ficaram sob a sugestão empolgante do maravilhoso, invadidos de terror sobrenatural, que extravagantes comentários agradavam.¹³

O quarto capítulo é nomeado “Quarta Expedição”, e seus subcapítulos são: “I Desastres. Canudos – uma diátese. Empastelamento de jornais monárquicos. A rua do Ouvidor e as caatingas. Considerações. Versões disparatadas. Mentiras heroicas. O cabo Roque. Levantamento em massa. Planos. Um tropear de bárbaros.”, “II Mobilização de tropas. Concentração em Queimadas. Organiza-se a expedição. Crítica. Delongas. Não há um plano de campanha. A comissão de engenheiros – Siqueira de Meneses. A marcha para Canudos. O 5º Corpo de Polícia baiana. Alteração da formatura. Incidentes. Um guia temeroso: Pajéu. No Rosário. Passagem nas Pitombas. Recordações Cruéis. O alto da Favela. Fuzilaria. Crítica. Trincheiras dos jagunços. Continua a fuzilaria. Acampamento na Favela. Canudos. Chuva de balas. Confusão e desordem. Baixas. Uma divisão aprisionada.”, “III Coluna Savaget – de Aracaju a Canudos. Carlos Teles. Cocorobó. Retrospecção geológica. Diante das trincheiras. Carga de baionetas excepcional. A

¹³ Ibid., p. 483

travessia. Macambira. Nova carga de baionetas. Fuzilaria. Bombardeio. Trabubu. Emissário inesperado. Destrói-se um plano de campanha.”, “IV Vitória singular, O medo. Baixas. Começo de uma batalha crônica. Canhoneiro. Réplica dos jagunços. Regime de privações. Aventuras do cerco. Caçadas perigosas. Desânimos. Assalto ao acampamento. A “Madeira”. A atitude do comando-em-chefe. Outro olhar sobre Canudos. Um exército intimado. Deserções heroicas. Um choque galvânico na expedição combatida.”, “V O assalto: preparativos; plano do assalto; o recontro. Linha de combate. Crítica. Confusão. Tocaís dos jagunços. Nova vitória desastrosa. Baixas. Nos flancos de Canudos. Posição crítica. Notas de um diário. Triunfos pelo telégrafo.”, “VI Pelas estradas. Os feridos. Depredações e incêndios. Primeiras notícias certas. Versões e Lendas. “Viva o bom Jesus!”. Um lance épico.”, “VII Outros reforços. A Brigada Girard. Heroísmo estranho. Em viagem para Canudos.” e “VIII Novos reforços. O marechal Carlos Machado de Bittencourt. Quadro lancinante. Colaboradores prosaicos demais... O sino da igreja. Fuzilaria.”. Neste capítulo, Euclides conta sobre a comoção nacional que se teve em relação a situação de Canudos, vendo a cidade como uma verdadeira resistência monárquica que ameaçava a recém-instaurada república. Para o autor, a cidade de Canudos repelia a república por seu contato com ela ser através da violência e da imposição de leis, o que dava sentido a tal resistência. Porém, o que não fazia sentido era a resposta do governo, se revoltando e criando uma imagem tão perigosa da cidade que não condizia com sua realidade humilde e esguia. A queda da terceira expedição trouxe um sentimento revoltoso, e despertou um senso de “justiça”. A próxima expedição acabaria com a vanguarda monarquista poderosa, que se limitava ao imaginário popular.

Com aproximadamente cinco mil homens de todos os Estados, a quarta expedição contava com mais armamento e mais sede de vingança, porém, com as mesmas estratégias furadas de antes. A divisão em colunas, atacando várias partes do arraial simultaneamente, abateu vários sertanejos, mas a sede, a fome e o cansaço também derrubavam soldados, que tinham um estoque insuficiente de mantimentos. No caminho até Canudos, ainda, vários ataques vindo dos Sertanejos pegavam de surpresa os soldados, as vezes de madrugada ou em terreno desvantajoso para as tropas, tirando de combate cerca de 1000 soldados (entre esses, feridos e mortos) antes mesmo da invasão. Os armamentos estavam diminuindo, e os suprimentos já tinham acabado. Os soldados, diferentemente dos jagunços, não tinham resistência à fome, e isso diminuía ainda mais os ânimos, facilitando as emboscadas

repentinhas dos sertanejos. Depois de muito padecer, finalmente um comboio repondo os mantimentos chegou à tropa, que depois de recuperar as energias, se preparou para a invasão da cidade. Eram três mil soldados, em uma investida única, que acabou se tornando uma longa sucessão de ataques e recuperações. Os jagunços se aproveitavam da desorganização e desarmonia dos soldados para atacá-los de posições estratégicas, às vezes do alto, outras vezes em esconderijos subterrâneos. O general Artur Oscar, então, resolve pedir reforços: mais cinco mil homens para invadir Canudos. Enquanto isso, os fiéis mantinham sua rotina de rezar e tocar o sino da igreja nova.

Os primeiros reforços vieram da brigada Girard, que não conseguiu sequer chegar completa ao arraial sem antes ser tomada pelas investidas dos jagunços, por doenças como varíola ou pela própria fadiga e fome. Forma-se então uma nova divisão liderada pelo marechal Carlos Machado de Bittencourt, famoso por sua frieza e calculismo. E o motivo de sua fama é também sua vantagem, visto que, diferentemente das outras tropas, o líder viu a terra como o maior inimigo dos soldados republicanos, mantendo assim um comboio constante de mantimentos durante a viagem a Canudos. Os confrontos e ataques constantes e mútuos levaram à destruição do sino da igreja, resultado de um tiro de canhão disparado pelos soldados republicanos, e uma fuzilaria que respondia a esse ataque causando uma somatória de baixas de praças a cada dia que se passava.

As baixas, somando-se diariamente em parcelas pouco díspares, com os claros abertos em todas as fileiras pelos combates anteriores, tinham já, desde meados de agosto, imposto a reorganização das forças rarascentes. Na diminuição que tivera o número de brigadas, passando de sete a cinco, e no descair das graduações dos comandos, percebia-se, apesar dos reforços recém-vindos, o enfraquecimento da expedição. [...] Breve, porém, a situação mudaria. Canudos teria em torno, em algarismos rigorosamente exatos, trinta batalhões, excluídos os corpos de outras armas. Avançava pelos caminhos a Divisão salvadora.¹⁴

O quinto capítulo se chama “Nova Fase da Luta”, e seus subcapítulos são: “I Queimadas. Páginas demoníacas. Uma ficção geográfica. Fora da Pátria. Novas animadoras. Prisioneiros. Diante de uma criança. Outra criança. Na estrada de Monte Santo. Palimpsestos ultrajantes. Em Monte Santo. Em Canudos. Uma “vaia entusiástica” ... Trincheira Sete de Setembro. Estrada de Calumbi”, “II Marcha da divisão auxiliar. Medo glorioso. Caxomongó. Rebate falso. Em busca de uma meia ração de glória. Aspecto do

¹⁴ Ibid., p. 670-671

acampamento. Canudos. O charlatanismo da coragem.” e “III Embaixada ao céu. Complemento do assédio. Cenário de tragédia.”. Neste capítulo, Euclides conta sobre a chegada das novas tropas que, ainda nas proximidades do arraial, já ouviam notícias sobre o sucesso dos avanços dos soldados em Canudos. Corriam boatos de que os jagunços estavam caindo em desânimo e Antônio Conselheiro, prestes a se entregar. Os prisioneiros de guerra – em suma maioria, mulheres e crianças – eram recolhidos pelos soldados em estado deplorável. Euclides, vendo aquela situação, afirma que outras abordagens além da guerra deveriam ter sido postas em prática:

Decididamente era indispensável que a campanha de Canudos tivesse um objetivo superior à função estúpida e bem pouco gloriosa de destruir um povoado dos sertões. Havia um inimigo mais sério a combater, em guerra mais demorada e digna. Toda aquela campanha seria um crime inútil e bárbaro, se não se aproveitassem os caminhos abertos à artilharia para uma propaganda tenaz, contínua e persistente, visando trazer para o nosso tempo e incorporar à nossa existência aqueles rudes compatriotas retardatários.¹⁵

Em Canudos, a guerra seguia. Os republicanos conseguiram derrubar diversos líderes de jagunços e derrubar as torres da igreja, que antes serviam como ponto estratégico dos guerreiros sertanejos. O avanço vinha de todos os lados. Canudos, cercada e em ruínas, mostrava sua resistência nos eventuais disparos contra as tropas e nos lamentos quando suas moradias eram atingidas. Mesmo em miséria, nunca se rendeu. Porém, em 22 de setembro de 1897, Antônio Conselheiro morre.

Ao ver tombarem as igrejas, arrombando o santuário, santos feitos em estilhas, altares caídos, relíquias sacudidas no encaçamento das paredes e – alucinadora visão! – o Bom Jesus repentinamente a apagar-se do altar-mor, baqueando sinistramente em terra, despedaçado por uma granada, o seu organismo combalido dobrou-se ferido de emoções violentas. Começou a morrer. Requiteou na abstinência costumeira, levando-a a absoluto jejum. E imobilizou-se certo dia de bruços, a frente colada à terra, dentro do templo em ruínas. Ali o encontrou numa manhã Antônio Beatinho. Estava rígido e frio, tendo aconchegado no peito um crucifixo de prata.¹⁶

No dia 24 do mesmo mês, Canudos é invadida. Os ataques complementares de canhões, disparos de tiros e forças brutas arrasaram o vilarejo impiedosamente. Enquanto isso, do alto do morro próximo a Canudos, dezenas de “espectadores” formava uma plateia

¹⁵ Ibid., p. 682

¹⁶ Ibid., p. 710-711

que assistia, com binóculos, o massacre da população sertaneja. Aplaudiam e torciam, como se o genocídio que ali acontecia fosse uma cena estupenda de um filme de ação.

O sexto e último capítulo é nomeado “Últimos Dias”, e seus subcapítulos são: “I O estrebuchar dos vencidos. Os prisioneiros. A degola.”, “II Depoimento de uma testemunha. Um grito de protesto.”, “III Titãs contra moribundos. Constringe-se o assédio. Cavando a própria sepultura. Trincheira de cadáveres. Em torno das cacimbas. Sobre os *muradais* da Igreja nova.”, “IV Passeio dentro de Canudos.”, “V O assalto. O canhoneio. Réplica dos jagunços. Baixas. Tupi Caldas. A dinamite. Continua a réplica... Outras baixas. No hospital de sangue. Notas de um diário.”, “VI O fim. Canudos não se rendeu. Crânio do Conselheiro.” e “VII Duas linhas.”. Euclides conta sobre a barbaridade das tropas com os prisioneiros, obrigando-os a bradar um “viva à República” e, em seguida, degolando os sertanejos, ou destripando-os. Tal atividade cruel, selvagem e primitiva era permitida pelos chefes militares.

Ademais, não havia temer-se juízo tremendo do futuro. A História não iria até ali. [...] Canudos tinha muito apropriadamente, em roda, uma cercadura de montanhas. Era um parêntese; era um hiato. Era um vácuo. Não existia. Transposto aquele cordão de serras, ninguém mais pecava.¹⁷

Após afugentar o restante dos sobreviventes – que mal revidavam as investidas diárias das tropas – em uma parcela pequena da cidade, o último ataque é iniciado no primeiro dia de Outubro. Durante aproximadamente 50 minutos, o exército bombardeou o que restava de Canudos e, depois, as tropas desceram até a cidade. Nisso, os jagunços voltaram a reagir, estendendo uma batalha que durou até o dia 4 do mesmo mês, com muitas baixas no exército e, praticamente, a obliteração da população da cidade. No dia 5, os últimos defensores caíram: “[...] um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados”. Euclides, porém, pontua que Canudos não se rendeu. Resistiu até o último suspiro – acontecimento inédito na história. As cinco mil e duzentas casas de Canudos foram destruídas no dia seguinte, e o corpo de Antônio Conselheiro foi encontrado. Depois de fotografá-lo, cortaram a cabeça do cadáver, para ser exposta para os republicanos, e estudada pelos cientistas que dariam o veredicto se, nos traços do rosto, acusava o crime e a loucura. Euclides termina dizendo que ainda faltava uma psiquiatria – “um Maudsley”¹⁸ – capaz de estudar os crimes e as loucuras de uma nação.

¹⁷ Ibid., p. 734

¹⁸ Ibid., p 781

2. O ELEMENTO CINEMATOGRAFICO

Neste capítulo, o foco inicial é centrado no cinema brasileiro, de sua origem até o fim do Cinema Novo, analisando de maneira breve sua história e trajetória, e usando do texto *Cinema: trajetória no subdesenvolvimento*, de Paulo Emílio Salles Gomes, como principal fonte de pesquisa. Depois, o conceito de intertextualidade é explorado, tratando das adaptações e dos diálogos que o texto cinético e o texto literário compartilham, e de que forma *Os sertões* impactaram na formação de obras importantes do cinema brasileiro e nordestino. E, enfim, uma breve introdução aos diretores por trás de *Bacurau*, desde o primeiro contato com o cinema, um com o outro, até a produção e a escrita conjunta do longa-metragem.

2.1 Primórdios

O aparecimento do cinema na Europa Ocidental e na América do Norte na segunda década dos anos 90 foi o sinal de que a Primeira Revolução Industrial estava na véspera de se estender ao campo do entretenimento. Esse fruto da aceleração do progresso técnico e científico encontrou o Brasil estagnado no subdesenvolvimento, arrastando-se sob a herança penosa de um sistema econômico escravocrata e um regime político monárquico que só haviam sido abolidos respectivamente em 1888 e 1889. O atraso incrível do Brasil, durante os últimos cinquenta anos do século passado e outro tanto deste é um pano de fundo sem o qual se torna incompreensível qualquer manifestação da vida nacional, incluindo sua mais fina literatura e com mais razão o tosco cinema.¹⁹

Os textos de Paulo Emílio reunidos em *Cinema: trajetória no subdesenvolvimento* são uma força motriz no assunto crítica de cinema. Além de objeto de estudo e de embasamento teórico de diversos textos acadêmicos como este daqui, inclusive, são ainda ponto central de debate de teóricos renomados. Foi, sem planejamento prévio, o assunto principal no seminário *Vai chover na caatinga*, organizado por um cineclubista da PUC-RJ que tinha como objetivo debater e conversar sobre cinema, tendo entre seus convidados diversos nomes do Cinema Novo, e com uma programação de três dias que foi completamente mudada para contemplar a abrangência de sentido presente nesses textos. Esse acontecimento foi relatado por Jean-Claude Bernardet na mesa redonda sobre Paulo Emílio realizada no Museu Lagar Segall em São Paulo, no dia 27 de outubro de 1977 (4

¹⁹ GOMES, 1996, p. 8

anos após a concretização do ensaio de Paulo Emílio), com a participação de Antonio Candido de Mello e Souza, Maria Rita Galvão, Ismail Xavier e Maurício Segall.²⁰

Nesses ensaios, Paulo Emílio examina a formação do cinema brasileiro por uma óptica histórico-social, introduzindo o leitor ao aparecimento do cinema em “Pequeno cinema antigo”, e depois dividindo a criação e o desenvolvimento nas 5 décadas primárias deste cinema em “Panorama do cinema brasileiro: 1896/1966” e, finalmente, discute a formação de obras por meio da identidade cultural de cada país em “Cinema: trajetória no subdesenvolvimento”, mesmo título geral da obra.

O autor relata o início do cinema brasileiro com a chegada da novidade europeia ainda cedo – só não mais cedo por conta do atraso nacional na questão da eletricidade. A criação do Salão de Novidades ou *Salão Paris no Rio*, primeira sala fixa de cinema – situada na rua do Ouvidor, no centro do Rio de Janeiro –, atraindo grande atenção com a exibição dos filmes estrangeiros. Relata também a primeira gravação de imagens feita no Brasil: pelas mãos de Afonso Segreto – com uma câmera de filmar que comprou em Paris e a bordo do paquete francês “Brésil” – foi feita a filmagem da Baía de Guanabara. A partir daí, a produção de filmes pelas mãos de brasileiros se proliferou, dando origem ao período conhecido como A Bela Época do Cinema Brasileiro. Entre 1908 e 1911, filmes com temáticas de crimes, com temáticas políticas e com outros assuntos que divertiam e interessavam o público da época obtiveram recepção e demanda considerável.

Essa florescência de um cinema subdesenvolvido necessariamente artesanal coincidiu com a definitiva transformação, nas metrópoles, do invento em indústria cujos produtos se espalharam pelo mundo suscitando e disciplinando os mercados. O Brasil, que importava de tudo – até caixão de defunto e palito – abriu alegremente as portas para a diversão fabricada em massa e certamente não ocorreu a ninguém a ideia de socorrer nossa incipiente atividade cinematográfica.²¹

No fim desse período, a produção de filmes nacionais caiu em desinteresse, com cineastas como Serrador voltando suas prioridades para a comercialização de filmes estrangeiros, e aqueles que tentaram continuar no lançamento de novos filmes encontravam diversas barreiras burocráticas. O cinema norte-americano foi crescendo no mundo inteiro, superando os europeus e se tornando a maior potência cinematográfica. O domínio da cultura estadunidense prevaleceu no Brasil, sendo impregnado por meio dos filmes, pois a

²⁰ BERNARDET; CANDIDO; GALVÃO; SEGALL; XAVIER, 1980

²¹ GOMES, 1996, p. 92

produção nacional se limitava a documentários e a alguns enredos. A chegada do rádio trouxe consigo a reintegração da cultura popular nacional que relutou para se mostrar presente quando viu uma oportunidade – já que o monopólio norte-americano também recuou em vista da crise de 1929 –, mas em menos de 3 anos tudo voltava a ser como antes, “e o cinema brasileiro mais uma vez pareceu morrer, isto é, retornou à condição de marginal rejeitado”²².

A partir de 1940 iniciou-se a constante e duradoura produção das chanchadas e de musicais, sendo o cinema carioca o principal produtor desse tipo de tema que, ao mesmo tempo que comprovava o subdesenvolvimento da cultura brasileira – “do malandro, do pilantra, do desocupado da chanchada”²³ – também colocava-a num patamar acima das produções norte-americanas, se tornando um fenômeno financeiro estrondoso, que despertou na vizinha paulista um interesse na tentativa de uma produção paulista mais ambiciosa no âmbito industrial e artístico, mas que acabou em fracasso. Porém, mesmo tendo sido uma tentativa frustrada, os frutos positivos foram essenciais para o avanço qualitativo e quantitativo do cinema brasileiro. Pressionado pelo desejo de lucro dos produtores brasileiros – que viram na iniciativa industrial a permanência da marginalização do cinema de enredo e de ficção – o governo implementou uma pequena reserva de mercado para filmes nacionais. O fracasso da iniciativa trouxe a discussão sobre o ocupante e o ocupado culturais no mesmo momento em que se alastrou o “difuso sentimento socialista” que “envolveu muita gente de cinema”²⁴. A combinação do método neorrealista, que estava em destaque com a conversa intelectual desta época resultou em filmes cariocas e paulistas que incorporaram a vida popular urbana em suas obras.

O antigo herói desocupado da chanchada foi suplantado pelo trabalhador [...]. Sem ser propriamente políticas ou didáticas, essas fitas exprimiam uma consciência social corrente na literatura pós-modernista mas inédita em nosso cinema. Além de um vasto elenco de méritos intrínsecos esses poucos filmes realizados por dois ou três diretores constituíram o tronco poderoso do qual se esgalhou o Cinema Novo.²⁵

²² Ibid., p. 94

²³ Ibid., p. 96

²⁴ Ibid.

²⁵ Ibid., p. 99

O Cinema Novo é estabelecido pelo autor como o “terceiro acontecimento global de importância na história do nosso cinema”²⁶, sendo os outros dois a Bela Época e a Chanchada. O Cinema Novo fez parte de uma corrente artística que se destrincha pela música, literatura, teatro e estudos sociais da época, liderados por uma juventude talentosa que se decidiu por abdicar da representação de seu lugar de ocupante (visto que é fruto da colonização, os primeiros ocupantes) e aspira por dar voz aos ocupados, sendo verdadeiras pontes que expressaram a cultura marginal brasileira no meio artístico. Apesar do valor cultural profundo, o material não chegou a realizar um ciclo completo, isto é, não alcançou o público que retratava. Em 1964, foi desintegrado, juntamente com a democracia brasileira, pelo golpe militar de estado.

Tomado em conjunto o Cinema Novo monta um universo uno e mítico integrado por sertão, favela, subúrbio, vilarejos do interior ou da praia, gafeira e estádio de futebol. [...] Nunca alcançou a identificação desejada com o organismo social brasileiro, mas foi até o fim o termômetro fiel da juventude que aspirava ser a intérprete do ocupado.²⁷

Em seu último ensaio da trilogia, Paulo Emílio desenvolve, por meio das figuras do ocupado e do ocupante, uma análise aprofundada do cinema brasileiro subdesenvolvido. O conceito de ocupado é referente aos países colonizados. Aqui, Paulo Emílio reflete sobre a complexa colônia cujo povo nativo foi explorado das mais diversas maneiras pela metrópole – os primeiros ocupantes – que, de certa forma, criou por meio da miscigenação um ocupado que se assemelha a seu ocupante, mas não a ponto de pertencer ao mesmo. A cultura brasileira é subdesenvolvida porque ela foi massacrada, explorada e transformada junto com seu povo, perdendo suas raízes nativas e sendo completamente imersa nas imposições da metrópole. E, como reflexo, continuou uma cultura deficiente de uma concretude nacional, procurando no exterior um guia para seguir.

2.2 Intertextualidades

Não é incomum vermos adaptações literárias na indústria cinematográfica. Inclusive, no último século, filmes de todos os gêneros movimentaram as bilheterias com grandes

²⁶ Ibid.

²⁷ Ibid., p. 103

adaptações dos chamados *best-sellers*, trazendo franquias enormes como *O senhor dos Anéis*, *Harry Potter*, *Jogos Vorazes* e *Crepúsculo*, além da crescente onda dos filmes de herói adaptados das histórias em quadrinhos, como *Vingadores*, *Homem-Aranha* e *Coringa*. Porém, adaptação direta não é o único jeito de se inspirar em uma história literária para levá-la ao cinema. Afinal, “Todo texto situa-se na junção de vários textos dos quais ele é ao mesmo tempo a releitura, a acentuação, a condensação, o deslocamento e a profundidade.”²⁸

A intertextualidade, segundo Samoyault²⁹, é o resultado técnico, objetivo, do trabalho constante, sutil e, às vezes, aleatório, da memória da escritura. Esse conceito foi explorado de maneira ampliada no artigo *Hamlet passeia na Savana*³⁰, publicado na Revista Literartes da USP. O artigo traz em seu conteúdo um dossiê sobre as relações de *Hamlet, o príncipe da Dinamarca* (circa 1601) com a escrita de *O rei leão* (1994), animação da empresa Disney. Nessa revista, as autoras Elizabeth Ramos, Poema Quesado Valente Meyer e Manoela Sarubbi Henares Figueiredo observam o filme como releitura da tragédia de Shakespeare, comparando os eventos e relacionando os personagens: “No texto shakesperiano, temos um rei assassinado por seu próprio irmão, que passa a ocupar o trono. O filho do rei, um jovem príncipe órfão, é banido do reino por seu tio assassino que conspira para matá-lo também. Enquanto o jovem se perde em meio aos seus próprios conflitos, o rei assassinado faz uma visita ao mundo dos vivos e pede ao filho que se lembre dele, isto é, que vingue sua morte. Em linhas gerais, essa é a trama da peça *Hamlet* e do filme infantil de animação da Disney, *O Rei Leão*.”³¹

E, assim como *Hamlet* serviu para *O rei leão*, também a obra *Os sertões* serviu como para diversas obras do cinema brasileiro, relacionando-se direta e indiretamente. Apesar de ser um sucesso massivo entre as elites intelectuais, o texto de Euclides da Cunha levou certo tempo para ser mencionado no ambiente dos longas-metragens brasileiros. Em seu artigo *Os sertões do cinema*, para a revista *Alceu*, a escritora, ensaísta e professora Sheila Schvarzman discorre sobre a trajetória das adaptações, intertextualidades e referências à obra de Euclides. A primeira realização concreta cinematográfica referenciando o tema é o documentário *Euclides da Cunha - 1866-1909* (1944), de Humberto Mauro. Em seguida, diversos filmes de denúncia social são rodados no Nordeste e sobre o Nordeste, porém com poucas menções

²⁸ SAMOYAULT, 2008, p. 17

²⁹ SAMOYAULT, 2008, p. 68

³⁰ RAMOS; MEYER; FIGUEIREDO, 2013

³¹ Ibid., p. 27

a *Os sertões*, tendo como pauta principal o Cangaço e a figura do Lampião, e em massa, produções exteriores focadas no conteúdo sexual e na violência. Até mesmo Glauber Rocha, diretor do célebre *Deus e o diabo na terra do sol*, não dialogou diretamente com o material de Euclides da Cunha – apesar da presença do messianismo e das gravações em Monte Santo. O Cinema Novo em si recorre à literatura em diversas adaptações nesse período, como *Macunaíma* (1969) e *São Bernardo* (1971), interessados em valorizar e reconhecer o Nordeste, mas a obra de Euclides não foi um desses casos a serem recorridos.

Segundo Josette Monzani, que precedeu a uma análise baseada na crítica genética em seu *Gênese de Deus e o diabo na terra do sol* (Monzani, 2006:34), estudando as nove versões do roteiro escritas entre 1959 e 1962, quando o filme começa a ser rodado Glauber estava interessado em Corisco e no cangaço em sua apropriação popular. Para isso, mune-se de documentação que vai de relatos do cordel a romances de José Lins do Rego (*Pedra bonita*, 1938 e *Cangaceiros*, 1953), Jorge Amado (*Seara vermelha*, 1946) e até mesmo *Grande sertão: veredas*, reportagens de jornal e livros sobre o cangaço, ou o contato com o major José Rufino, antigo caçador de cangaceiros. Monzani acredita que Canudos, no filme, vem antes do cordel e de uma tradição oral que vai se recompondo novamente em livros, romances ou reportagens sobre outros beatos descritos por outros livros.³²

Entre 1970 e 1980, diversos documentários sobre sobreviventes e ex-combatentes da Guerra de Canudos são lançados, porém sem grandes impactos culturais e artísticos, incluindo uma minissérie chamada *Antônio Conselheiro e a Guerra de Canudos*, realizada por Carlos Augusto de Oliveira para a TV Globo. A insistência na temática violenta acaba por atrair grande censura, indispondo novas produções e trazendo um hiato para este período de retratação do Nordeste, ainda que por lentes exteriores. Por outro lado, na década seguinte, os filmes rodados nessa região tomam um novo rumo, pelas mãos daqueles que pertencem a ela.

Karim Ainouz, Marcelo Gomez, Paulo Caldas e Lírio Ferreira são alguns dos mais populares cineastas que abordaram, em seus longas-metragens, o Nordeste por uma nova lente, desde a década de 90 até os tempos atuais. Sendo todos nascidos nessa região, suas obras permeiam a vida cotidiana dos moradores, e desenham uma nova imagem das cidades, das pessoas e de sua vida, sem pintar o Sertão como uma entidade separada do país, como um grande objeto de estudo.

³² SCHVARZMAN, 2012, p. 101

Esse filme (*Deserto Feliz*, 2007) parece sintetizar uma nova e importantíssima mudança e percepção: o chamado às elites contido n' *Os sertões*, as condições do meio ambiente, as secas, o misticismo, o caritativismo e a culpabilidade do Sul, a urgência da Estética da Fome que reverbera Euclides, tudo passa ao largo pela constatação da própria pobreza interna, da falta de recursos para aproveitar o novo. A pobreza não é só uma condição material – que vem sendo em alguma medida minorada – e é essa pobreza essencial da consciência, da educação, é isso que condena ao atraso e que o filme enfoca sem buscar ou responsabilizar ninguém em especial ou diretamente. O sertão é hoje uma condição.³³

O cinema pernambucano dessa época expande a imagem do Nordeste além de seus clichés, mostrando a sua realidade atual e usando-a como pano de fundo para contar histórias que não necessariamente descrevem a região, mas, indiretamente, montam uma nova perspectiva sobre ela.

2.3 Um novo olhar, ou dois

Nesse trecho do ensaio *Panorama do cinema brasileiro: 1896/1966*, Salles Gomes trata dos filmes que estão sendo lançados no fim da 5ª Época: 1950 a 1966.

Os interesses do comércio cinematográfico nacional giram em torno do cinema importado, prosseguindo o mercado atual saturado pelo produto estrangeiro. [...] Uma das consequências dessa situação injusta é levar produtores e cineastas a se preocuparem demasiadamente com a exportação dos respectivos filmes, superestimando a importância dos festivais internacionais. As inteligências e energias ficam assim distraídas do único objetivo que realmente importa ao nosso filme: o público e o mercado brasileiros.³⁴

Porém, a situação do cinema e dos cineastas nos dias de hoje não difere muito do padrão estabelecido nesse texto. Os filmes “conceituados” só recebem esse *status* a partir da recepção que a crítica exterior faz dele. Os filmes que fazem sucesso de bilheteria entre os brasileiros se resumem a comédias e a filmes infantis. Inevitavelmente, o reconhecimento dos filmes nacionais por premiações internacionais se tornou o caminho para a valorização deste tipo de obra.

Nos últimos anos, diversos nomes ligados ao cinema produzido e dirigido nacionalmente chamaram a atenção de grandes premiações do cinema mundial, como o diretor Fernando Meirelles com seu longa-metragem *Cidade de Deus* (2002), que garantiu uma indicação na categoria de Melhor Direção, e Fernanda Montenegro, com sua indicação

³³ Ibid., p. 106

³⁴ GOMES, 1996, p. 83

como Melhor Atriz pelo filme *Central do Brasil* (1998) do célebre *The Academy Awards*. Outro destaque relevante veio por meio do diretor Kléber Mendonça Filho, codiretor do filme *Bacurau*. O destaque, entretanto, veio por meio de outra obra de Mendonça, anterior a esta. *Aquarius* (2016) teve um impacto massivo e conquistou uma aclamação que ultrapassou as fronteiras nacionais.

Aquarius conquista os prêmios de melhor filme nos Festival Internacional de Cinema de Cartagena (Colômbia), Festival de Havana (Cuba), Sydney Film Festival (Austrália) e no Festival Internacional de Cinema de Mar del Plata (Argentina), entre outros. Mas a comoção maior vem com a indicação à Palma de Ouro no Festival de Cannes (França). O filme perde o prêmio, mas a equipe chama atenção da imprensa internacional ao protestar contra o processo de impeachment que afasta a presidente Dilma Rousseff e entrega interinamente o poder a seu vice, Michel Temer.³⁵

A carreira do diretor pernambucano e seu envolvimento com cinema começou ainda durante sua graduação em Jornalismo na UFPE, escrevendo um artigo sobre o cineasta estadunidense Ed Wood para o *Jornal do Commercio* – segundo informado pela coluna biográfica da Enciclopédia Itaú Cultural. No texto, há também a constatação de que, depois de um tempo como repórter, Kléber passou a atuar como crítico de cinema e no ano seguinte engatou na participação do primeiro site pernambucano sobre cinema, *CinemaScópio*, e no cargo de coordenador de cinema da Fundação Joaquim Nabuco. Enquanto atua como crítico de cinema, Kleber começa a dirigir curtas e médias-metragens, sendo *Recife Frio* (2009) o trabalho mais prestigiado dessa fase. Após encerrar sua atuação como crítico, dedica-se a seu primeiro longa-metragem de ficção, *Som ao Redor* (2012). Pedro Dourado afirma em seu artigo sobre o filme, publicado no site *Instituto de Cinema* que:

O filme mostra a realidade de uma rua de classe média em Recife, e faz uma crítica ao crescimento social urbano, que acaba por criar uma enorme desigualdade entre os cidadãos, passando pela herança das relações de poder coloniais, onde vemos um personagem que detém a posse da maioria dos terrenos da rua, até os diferentes tratamentos às empregadas domésticas, servindo os patrões em busca da sobrevivência familiar. O longa é um reflexo da arquitetura social do Brasil, produzindo assim uma identidade tanto regional quanto nacional.³⁶

³⁵ SÃO PAULO: Itaú Cultural, 2020

³⁶ DOURADO, 2020

Posteriormente, veio *Aquarius* (2016), já mencionado neste capítulo, e, em 2019, *Bacurau* estreou nos cinemas de todo o Brasil, porém sua idealização começou dez anos antes. Segundo Mariana Marques, em seu artigo publicado no *site* Instituto de Cinema:

A história não poderia deixar de ir além, afinal, a produção já é desejo antigo, tendo sido iniciada em 2009. Os diretores contam que outros projetos acabaram vindo primeiro, e se pensarmos bem, esse tempo pode ter sido crucial para o aperfeiçoamento da narrativa, visto as diversas camadas que são reveladas ao decorrer do filme.³⁷

“Diretores”, neste caso, refere-se a Kléber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, codiretores de *Bacurau* e parceiros de longa data. Especificamente, desde 2005, quando Dornelles dirigiu a arte do curta-metragem *Eletrodoméstica*, de Mendonça Filho. Depois disso, veio ainda *Recife Frio* (2009), *O som ao redor* (2013) e *Aquarius* (2016), todos dirigidos por Mendonça Filho e com a produção, no primeiro caso, e direção de arte de Dornelles, nos últimos dois. Juliano também ingressou na UFPE, como Kléber, porém desistiu do curso de Artes Plásticas para trabalhar com cinema.

³⁷ MARQUES, 2019

3. DENÚNCIA SOCIAL DENTRO DA FICÇÃO

Neste terceiro capítulo, o filme *Bacurau* será introduzido, desde sua recepção crítica até o enredo, traçando as necessárias referências. Depois, um paralelo entre a longa-metragem e a obra *Os sertões* será feito por meio de análises do filme em cima da estrutura aplicada por Euclides da Cunha na escrita de seu livro. Por fim, as semelhanças e diferenças dos personagens Antônio Conselheiro e Lunga serão analisadas, levando em conta a importância de ambos em suas respectivas histórias.

3.1 Se for, vá na paz

A sensação instantânea *Bacurau*, longa-metragem de Kleber Mendonça Junior e Juliano Dornelles, chegou aos cinemas nacionais no dia 23 de agosto de 2019 e registra no site *Box Office Mojo* uma bilheteria total de USD 3,537,287 milhões, que, quando revertidos para reais, se aproximam dos 18 milhões, considerando a cotação do dólar de agosto de 2020. Além do massivo sucesso de público, antes mesmo de sua estreia, *Bacurau* chamou a atenção de comunidades cinéfilas de todo o mundo ao conquistar o Prêmio de Júri do Festival de Cannes, em maio de 2019, juntamente com *Les Misérables*, de Ladj Li. O filme foi o segundo longa-metragem nacional da história a receber tal prêmio, 57 anos após *O pagador de promessas*, de Anselmo Duarte. No site agregador de notas *Rotten Tomatoes*, *Bacurau* aponta 91% de aprovação da crítica especializada com 144 críticas consideradas, recebendo assim o “Certified Fresh” do site, que, em suma, significa aclamação mundial. Figurou também em diversas listas de melhores do ano de 2019 e de 2020 – visto que sua estreia no cinema americano foi em 6 de março de 2020. Apesar de ter sido um dos filmes nacionais mais comentados do ano, *Bacurau* não foi o escolhido para representar o Brasil na categoria de melhor filme internacional do *Academy Awards*. A Academia Brasileira de Cinema escolheu submeter *A Vida Invisível* (2019), de Karim Aïnouz, por uma votação em que *Bacurau* recebeu 4 votos, e adaptação de Aïnouz recebeu 5. Três anos antes, em 2016, O filme *Aquarius* também não foi o escolhido para representar o Brasil, perdendo o lugar para *Pequeno Segredo* (2016), de David Schürmann. Essa escolha levantou suspeitas de um possível boicote ao filme de Mendonça Filho, por conta de um protesto feito pela comitiva meses antes no Festival de Cannes, denunciando o golpe prestes a acontecer contra a então presidenta Dilma Rousseff. Não é nula a possibilidade do tema de *Bacurau* e a postura

crítica dos diretores e elenco em relação ao Presidente Jair Messias Bolsonaro ter tido influência na escolha da submissão de outro filme para o Oscar. Porém, isso não tira as chances do filme de receber prestígio da mesma premiação, visto que a estreia norte-americana aconteceu no ano seguinte de sua estreia nacional, podendo assim concorrer em outras categorias que não sofrem interferência do governo brasileiro. Um caso semelhante ocorreu em 2004, quando o filme *Cidade de Deus* (2002) recebeu 4 indicações – (melhor diretor (Fernando Meirelles), melhor roteiro adaptado (Bráulio Mantovani), melhor fotografia (César Charlone) e melhor edição (Daniel Rezende). Porém, no ano de sua submissão para categoria de melhor filme internacional – que antes se chamava *melhor filme estrangeiro* – foi esnobado pela premiação. O site de opinião cinematográfica listou Bacurau como um dos melhores filmes elegíveis para o *Academy Awards* 2021:

Kino Lorber was able to open Kleber Mendonça Filho and Juliano Dornelles' beloved Cannes thriller "Bacurau" in New York City theaters earlier this year before its planned theatrical expansion had to be canceled. The distributor pivoted to an online release and has continued to screen the film through virtual cinemas through May 2020. While the movie debuted on the 2019 festival circuit and was overlooked as Brazil's Oscar selection this year, Kino Lorber confirms its 2020 theatrical release still makes it eligible for other categories at the 2021 Oscars. IndieWire named "Bacurau" a critic's pick and praised its "wonderful and demented" spirit. The film is included on IndieWire's list of the best releases of 2020.³⁸

O filme³⁹ se passa “daqui a alguns anos”, numa cidadezinha do interior do sertão nordestino chamada Bacurau, habitada por uma comunidade pequena, que vive do próprio comércio – desde barracas de legumes e verduras até trailers de prostituição (as filmagens foram feitas na cidade da Barra, no sertão do Seridó, Rio Grande do Norte). A personagem Teresa (Bárbara Colen) se encaminha carregada de uma mala cheia de vacinas para a cidade com Erivaldo (Rubens Santos), morador de Bacurau, em um caminhão pipa. Na estrada, eles passam por caixões quebrados, resultado de um acidente envolvendo uma moto e um caminhão que carregava os caixões. Na TV portátil acoplada ao painel do caminhão pipa, os dois assistem as notícias do “Brasil do Sul”, um programa cujo logo é o mapa do Brasil sem alguns estados da região nordestina. A imagem de Adailton Santos do Nascimento, vulgo “Lunga” (Silvero Pereira), é exibida junto de frases como “Procura-se” e “Alta

³⁸ SHARF, 2020

³⁹ BACURAU, 2019

periculosidade”. Erivaldo mostra a Tereza a barragem feita em um rio que leva água para a cidade, contando que Lunga tentou reverter a situação, mas sem sucesso, pois houve resistência. Até esse momento, não é dito quem são aqueles que privaram a cidade do acesso a água.

Chegando na cidade, Teresa é recebida por Damiano (Carlos Francisco), que lhe dá uma semente dourada do tamanho de uma ervilha direto em sua boca. Finalmente, Teresa chega na casa de sua recém-falecida avó Carmelita (Lia de Itamaracá) e lá encontra praticamente todos os habitantes, reunidos para velar o corpo da célebre moradora. Domingas (Sônia Braga), claramente bêbada e alterada, grita ofensas a Carmelita do lado de fora da casa, até ser interrompida por Plínio (Wilson Rabelo), pai de Teresa e filho de Carmelita, que discursa sobre o legado de sua mãe: “Na família tem de pedreiro a cientista. Tem professor, tem médico, tem arquiteto, michê e puta, mas ladrão ela não gerou nenhum”. Em seguida, a cidade se reúne em um cortejo fúnebre enquanto cantam Bicho da Noite, de Sérgio Ricardo. Ao lado da sepultura, Tereza vê água transbordando do caixão, enquanto flashes do momento em que ela toma a semente aparecem. É o primeiro indício de que a semente dourada de Damiano desperta efeitos alucinógenos. A cena é finalizada com os moradores balançando lenços brancos em homenagem a Carmelita.

No dia seguinte, é mostrado o cotidiano da cidade, com personagens em *trailers* montando anúncios de pontos de prostituição, abrindo o museu, alguns vendedores com barracas de alimentos, crianças chegando na escola “Prof. João Carpinteiro” – uma das homenagens feitas ao diretor norte-americano John Carpenter. Plínio, aqui também professor das crianças, procura Bacurau na internet para mostrar a elas, porém não encontra. No lugar, o mapa *online* mostra apenas um terreno verde e vazio, nominado como parte de Serra Verde, a cidade grande mais próxima de Bacurau. Desta cidade é que vem o prefeito Tony Junior (Thardelly Lima) na cena seguinte, com um carro alegórico tocando um *jingle* de campanha política. Os habitantes se escondem em suas casas, as tendas são fechadas e todo o comércio finaliza sem deixar rastros. Um caminhão basculante despeja inúmeros livros na frente da escola, enquanto um dos funcionários de Tony Junior filma o ato. O prefeito começa a falar com um megafone com a cidade, que parece abandonada em vista da entocada coletiva da população. Ele pede votos, recorrendo aos livros doados à biblioteca de Bacurau e a comidas, remédios e caixões trazidos pela equipe dele como justificativa. Do vazio da cidade, surgem vaias e xingamentos ao prefeito, e ele as enfrenta ligando

novamente o seu *jingle* político. Antes de sair de vez da cidade, a equipe do prefeito leva a força uma das prostitutas de Bacurau, sem pagar o valor adiantado, como é de costume, e Domingas avisa a Tony Junior: “Se ela voltar machucada, eu corto teu pau e dou *pras galinha*”.

No caminho de estrada de terra de volta para sua cabana, Damiano é surpreendido por um disco-voador, tirado diretamente dos filmes de ficção-científica. Outra possível referência a Carpenter, que no filme *Eles Vivem* (1998) traz câmeras de vigilância voadoras controlada por ETs, classe dominante do Planeta Terra, ocupado por eles. Plínio e Domingas reúnem os alimentos e remédios deixados por Tony Junior e advertem a população sobre os riscos do consumo, pois a maioria dos alimentos estava vencida, e os remédios eram tarja preta e sem prescrição médica, mas deixam a população livre para pegar o que quiserem. No meio da noite, a cidade é acordada com dezenas de cavalos andando pela cidade, que Flávio (Márcio Fecher) reconhece como sendo da fazenda de Seu Manelito. Na manhã seguinte, Flávio e Maciel (Val Ferreira) levam os cavalos de volta para a fazenda. Enquanto isso, Erivaldo retorna a Bacurau depois de outra viagem para buscar água com o caminhão-pipa cheio de furos de bala. Acácio, também conhecido como Pacote (ator), morador de Bacurau, começa a desconfiar de que algo está errado. Ele liga pra Flávio e avisa da situação do caminhão-pipa de Erivaldo. Flávio se depara com dois motoqueiros de trilha a caminho de Bacurau. A mensagem de que os forasteiros desconhecidos estão chegando na cidade é compartilhada entre os moradores por mensagens eletrônicas, mostrando que toda comunidade é conectada e se comunica constantemente.

“– Quem nasce em Bacurau é o quê?

– É gente.”

Os motoqueiros se identificam como João e Maria, e dizem estar apenas passeando pelas serras da região. Os moradores questionam se eles estão na cidade para conhecer o Museu de Bacurau, mas eles dizem que não conheciam a cidade, pois ela não está no mapa. Antes de sair, Maria planta um aparelho digital escondido embaixo de uma mesa do bar local e comenta com os moradores que está sem sinal de rede, o que deixa Pacote ainda mais desconfiado, visto que minutos antes eles tinham rede de sinal para se comunicar. Flávio e Maciel finalmente chegam na Fazenda de seu Manelito e encontram toda a família morta a

tiros. Antes que pudessem escapar da cena de chacina, os dois se encontram com os motoqueiros de trilha que acabaram de sair de Bacurau e são assassinados. O disco-voador visto por Damiano se tratava, na realidade, de um drone controlado pela equipe de forasteiros, que é enfim apresentada. Terry (Jonny Mars), Kate (Allison Willow), Jake (James Turpin), Joshua (Brian Townes), Julia (Julia Marie Peterson), Chris (Charles Hodges) e Willy (Chris Doubek) formam o grupo de extermínio comandados por Michael (Udo Kier) que está por trás dos ataques na fazenda de Seu Manelito, assim como na desativação da rede de comunicação em Bacurau. Eles são todos caucasianos e estrangeiros, possivelmente norte-americanos ou europeus, e sua missão é exterminar toda a população da pequena cidade. Aparentemente, tudo faz parte de um entretenimento. Eles recebem comandos e regras por um ponto eletrônico na orelha, como quais armas devem usar na “caçada” (modelos antigos de espingardas e metralhadoras), quantas balas podem gastar em cada homicídio, criando assim uma dinâmica de competição. A matança do povo de Bacurau é um jogo. Os dois motoqueiros de trilha, João e Maria, dizem ser do sul do Brasil, uma região mais rica, com colônias alemãs e italianas. Eles se veem como semelhantes dos estrangeiros, o que não é nem de longe recíproco. Os forasteiros – supremacistas brancos – riem dos dois, dizendo que eles não são brancos como eles. Que eles até parecem brancos, mas não são. Ao assassinar Flávio e Maciel, os dois sulistas roubaram duas mortes do jogo sádico dos forasteiros e, por isso, com um comando rápido no ponto eletrônico, ambos são assassinados friamente. Jake identifica por meio dos documentos de João que, na verdade, ele se chamava Maurício Gomes Carneiro, um assessor de desembargador federal.

Pacote encontra os corpos de Flávio e Maciel e decide levá-los no carro para Lunga, que se esconde em uma barragem seca (o cenário usado foi o açude Gargalheiras, ou barragem Marechal Dutra, no município de Acari). Lunga aceita o pedido de ajuda de Pacote e vai a Bacurau para descobrir o responsável pelas 7 mortes, sobre o corte da rede e sobre os tiros de bala no caminhão-pipa. A população está reunida na cidade, assistindo amistosamente uma compilação de vídeos de câmera de segurança, flagrando Pacote assassinando diversas pessoas em cidades diferentes, quando recebem Lunga. A chegada da personagem, carregando metralhadoras e trajando botas de couro, correntes, esmalte nas unhas e um imponente corte de cabelo *mullet* – ou corte Chitãozinho e Xororó – alegra a cidade, que ovaciona o guerrilheiro *queer* vendo nele uma esperança. A população se reúne para uma roda de capoeira seguida de uma homenagem aos recém-falecidos. Enquanto

Lunga e os outros moradores cavam buracos na terra, as crianças da cidade brincam de “quem vai mais longe”. Uma das crianças, sozinha e no escuro, é assassinada por Joshua. Aqui, é possível notar outra homenagem a um longa de John Carpenter, *Assalto à 13ª DP* (1976), que também utiliza de um assassinato de uma criança para demonstrar a falta de escrúpulos dos “vilões”.

Os moradores ficam assustados com a descoberta do corpo da criança e, após a energia da cidade ser cortada, Claudio (Buda Lira) e Nelinha (Fabíola Liper) decidem deixar a cidade, com medo do que pode ocorrer em seguida, mas são interceptados na estrada por Julia e Jake, que assassinam os dois sem pudor e depois transam perto do local do crime, consumidos pela adrenalina. Kate e Willy seguem no dia seguinte para a cabana de Damiano e de sua esposa Daisy (Ingrid Trigueiro). Quando Willy avança na porta para atirar nos moradores, ele é surpreendido por Damiano com um tiro de bacamarte na cabeça, estourando seu crânio. Kate, em pânico, corre para a lateral da cabana atirando aleatoriamente, apenas para levar um tiro de bacamarte, desta vez, pelas mãos de Daisy.

Em entrevista concedida ao pesquisador Olímpio Bonald Neto, quando de sua pesquisa na década de 1960, dois dos Capitães mais ilustres da cidade relatam a origem do folgado: o capitão Eliel, do batalhão nº 333, afirma que “quando acabou a Guerra do Paraguai, os granadeiros voltaram às suas terras com as suas armas e os seus fardamentos e, ao chegarem ao meio dos povoados, na frente da igreja, anunciavam o fim da Grande Guerra, atirando em saudação ao Santo Padroeiro”. Já o Major Emídio do Ouro (que assume o comando do batalhão nº 333, pois o capitão Eliel vai morar em outra cidade) conta que “vem dos holandeses, os quais foram vencidos pelos bacamarteiros do sertão. [...] estes lutaram na Guerra de Canudos e ao lado do Padim Ciço do Juazeiro”. [...] É comum o uso do bacamarte pelos nordestinos, há referências encontradas, por exemplo, na literatura; o escritor Euclides da Cunha foi encontrá-lo em Canudos, dentro das rústicas taperas de pau-a-pique. De acordo com Bonald Neto: “[...] Foi a arma predileta do cangaceiro, do jagunço, do capanga, antes que a winchester, o papo amarelo (modelo de arma), desse ao sertanejo fora da lei ou ao latifundiário prepotente, o rifle de repetição que os puseram no mesmo pé de igualdade com as tropas regulares da Polícia ou do Exército, nos começos deste século.” (2004, p. 24)⁴⁰

Kate, que teve a mão esquerda esfaqueada e fragmentos de pólvora por todo o corpo, implora pela ajuda de Damiano e Daisy, usando um tradutor. Damiano dá a ela uma das sementes douradas, e eles a levam na carroceria da moto para a cidade. O restante da equipe estrangeira se encaminha a Bacurau para o massacre final e, enquanto isso, os

⁴⁰ LIMA, 2013, p. 20-21

moradores se preparam para o ataque eminente, ingerindo a semente dourada. Michael, que se separou de sua equipe, encontra com Domingas, que o espera com uma mesa posta, com Guisado e suco de caju. Ela veste seu avental branco, sujo de sangue. Michael entende que aquele sangue pertencia a Kate, e Domingas sinaliza, com o dedo indicador passando pelo pescoço, que ela está morta. Michael derruba a mesa com as ofertas de Domingas e segue ao terreno alto para ter uma visão ampla do que está para acontecer. Lá, ele acidentalmente fura sua mão em um pedaço de graveto. Julia e Joshua chegam na cidade e se deparam com um varal com as roupas do menino que Joshua assassinou, manchadas de sangue. Assim como quando Tony Junior chegou, os moradores se esconderam, deixando Bacurau com um aspecto fantasma. Depois de procurar pelas casas, Terry entra no Museu Histórico de Bacurau, e lá encontra fotos antigas de cangaceiros, uma capa do jornal Diário de Pernambuco noticiando a captura de cangaceiros de Bacurau por tropas de volantes, ferramentas rudimentares e, finalmente, uma parede com marcas e placas identificando armas usadas no cangaço, como Mauser, Winchester 44 e Colt 38, mas as armas não estão lá. Finalmente, Terry é surpreendido com um tiro na nuca disparado por Lunga, que estava escondido no porão do Museu. Ele tira uma peixeira e acerta repetidamente no corpo de Terry enquanto grita. Julia e Joshua decidem disparar contra a escola, até que diversos moradores, como Pacote e Teresa, revidam com potência máxima, matando os dois assassinos. Michael, em um estado alterado de consciência, atira com seu rifle em Chris. Jake, assustado e confuso, entra no Museu a procura de Terry, apenas para ser emboscado por Lunga e outros moradores da cidade.

Michael percebe que tudo está acabado e tenta suicidar, mas é interrompido pela visão de Dona Carmelita olhando-o com um rosto pleno e sublime. Michael, estarrecido com o que vê, é encurralado por um morador de Bacurau. A população da cidade, toda armada, sai aos poucos dos esconderijos ao sinal de que tudo está findado. As cabeças dos estrangeiros são exibidas na porta da igreja, para que toda população veja e fotografe a derrota do inimigo. Tony Junior chega com uma van na cidade, procurando os estrangeiros, expondo assim o seu envolvimento com a tentativa de massacre de toda a população, ganhando dinheiro de Michael e dos forasteiros para entregar a cidade ao sádico jogo de extermínio. A população, sob efeito da semente dourada – poderoso psicotrópico natural de Damiano – condena Tony Junior à morte na caatinga, colocando-o vendado e sem roupa em um burro, e Michael, na prisão subterrânea no buraco cavado por Lunga. Ao som de

Réquiem para Matraca, de Geraldo Vandré, os moradores enterram o gringo, e a cidade sobrevive.

3.2 Euclides, Kléber e Juliano entram num bar

Não houve nenhuma declaração da parte dos escritores e diretores de *Bacurau* de que o filme tenha sido influenciado por *Os sertões*, de Euclides da Cunha. O longa bebe de diversas fontes, tanto do cinema forasteiro e da ficção científica norte-americana, quanto do cinema novo brasileiro. Porém, neste tópico, será traçada uma comparação dos cenários, acontecimentos e elementos similares que constituem os dois objetos de estudo deste trabalho.

Ainda na nota preliminar, Euclides apresenta o caráter denunciativo de sua obra, constatando os feitos criminosos das tropas do Estado para com os moradores de Canudos.

A campanha de Canudos tem por isto a significação inegável de um primeiro assalto, em luta talvez longa. Nem enfraquece o asserto o têrmo-la realizado nós filhos do mesmo solo, porque, etnologicamente indefinidos, sem tradições nacionais uniformes, vivendo parasitariamente à beira do Atlântico, dos princípios civilizadores elaborados na Europa, e armados pela indústria alemã – tivemos na ação um papel singular de mercenários inconscientes. Além disto, mal unidos àqueles extraordinários patrícios pelo solo em parte desconhecido, deles de todo nos separa uma coordenada histórica – o tempo. Aquela campanha lembra um refluxo para o passado. E foi, na significação integral da palavra, um crime. Denunciemo-lo.⁴¹

Bacurau, ainda que distópico e fictício, tem também seu caráter denunciativo do Brasil atual, mostrando o que ele pode se tornar: excludente da região nordestina, alienado pelas políticas de importação cultural e da glorificação do estrangeiro (celebrações do dia da independência dos Estados Unidos da América⁴²), desvalorizando seu próprio povo à ilusão de que é semelhante ao *gringo*. Casos de neonazistas e supremacistas brancos (ironicamente, mestiços por linhagem, mas não reconhecem esse traço) tem se tornado cada vez mais frequentes no Brasil, com incidências no Sudeste e no Sul do país (lembrando do logo que aparece no início do filme, “Brasil do Sul”) e disfarçados de conservadores.

Especialistas associam gestos do governo Jair Bolsonaro como gatilhos para essa onda neonazista. Além da política armamentista, atos recentes são associados ao movimento. Em janeiro, o então secretário de Cultura Roberto Alvim divulgou

⁴¹ CUNHA, 2018, p. 67-68

⁴² BRASÍLIA, G1, 2020

discurso parafraseando Joseph Goebbels (1897-1945), ministro da Propaganda da Alemanha nazista, com o compositor favorito de Adolf Hitler (1889-1945), Richard Wagner (1813-1883), ao fundo. Ainda ministro da Educação, Abraham Weintraub declarou em reunião ministerial ocorrida em 22 de abril que odeia os termos “povos indígenas” e “povo cigano”. No início de maio, a Secretaria de Comunicação Social da Presidência divulgou um post em redes sociais com frase que lembra slogan nazista. “Parte da imprensa insiste em virar as costas aos fatos, ao Brasil e aos brasileiros. Mas o governo, por determinação de seu chefe, seguirá trabalhando para salvar vidas e preservar o emprego e a dignidade dos brasileiros. O trabalho, a união e a verdade libertarão o Brasil”, publicou o órgão, sobre a pandemia de covid-19. “O trabalho liberta” é a frase que os nazistas afixavam nas entradas dos campos de concentração. Bolsonaro também compartilhou em seu Facebook um vídeo com a citação “melhor um dia como leão do que cem anos como ovelha”, atribuída ao líder fascista Benito Mussolini (1883-1945). Em *live* transmitida em 29 de maio, o presidente tomou um copo de leite. Ele argumentou que se tratava de uma homenagem aos produtores rurais. Mas o gesto é visto como de conotação extremista, já que é adotado por supremacistas brancos. “O aumento da atividade de células neonazistas no Brasil está diretamente associado à retórica violenta e discriminatória do governo Bolsonaro, que, ao sistematicamente estigmatizar grupos vulneráveis, acaba por legitimar e empoderar pautas do movimento neonazista, como a eugenia e a segregação de pessoas negras, LGBTs e estrangeiros não europeus”, afirma, em nota, a organização SaferNet Brasil. O ativista Agripino Magalhães, da ONG Aliança LGBT+, conta que os ataques em relação a esse grupo, monitorados por ele, aumentaram 90% no último semestre. Ele próprio diz que tem sido ameaçado constantemente, pela internet e por telefone, pelo seu ativismo. “E não somos só nós as vítimas. Eles incitam o ódio aos negros, às mulheres e a outras minorias”, afirma. [...] De acordo com o mapeamento de Adriana Dias, o estado de São Paulo segue sendo a unidade da federação com maior atividade neonazista: são 102 células na localidade, três a mais do que no fim do ano passado. Segundo dados enviados à reportagem pela Secretaria de Segurança Pública do estado, a Delegacia de Polícia de Repressão aos Crimes Raciais e Delitos de Intolerância (Decradi) registrou 57 boletins de ocorrência e instaurou 31 inquéritos para apurar ocorrências de intolerância na capital paulista, de janeiro a abril deste ano. Em segundo lugar no levantamento da antropóloga, o Paraná ultrapassou Santa Catarina no último semestre – são 74 grupos paranaenses em atividade, frente a 69 catarinenses. Foi um crescimento grande no estado, que há seis meses tinha 66 células extremistas. “Isso é preocupante”, avalia Dias. De acordo com a pesquisadora, o perfil dos novatos paranaenses é basicamente formado por gente ligada ao meio rural e a igrejas evangélicas fundamentalistas.⁴³

Na primeira parte de sua obra, nomeada *A Terra*, Euclides traça um panorama sobre a flora, o clima e o relevo nordestino por meio de uma análise científica, detalhando a caatinga, as favelas, os mandacarus e os xiquexiques – todos esses, citados pelo personagem DJ Urso em *Bacurau*, quando enuncia a condenação de Tony Junior – entre outros.

⁴³ VEIGA, 2020

A sua flora rudimentar, de gramíneas e ciperáceas, revigando vigorosa nas quadras pluviosas, é um incentivo à vida pastoril, às sociedades errantes dos pegureiros, passando móveis, num constante armar e desarmar de tendas, por aqueles plainas – rápidas, dispersas aos primeiros fulgores do verão. Não atraem. Patenteiam sempre o mesmo cenário de uma monotonia acabrunhadora, com a variante única da cor: um oceano imóvel, sem vagas e sem praias. Têm a força centrífuga do deserto: repelem; desunem; dispersam. Não se podem ligar a humanidade pelo vínculo nupcial do sulco dos arados. São um isolador étnico como as cordilheiras e o mar, ou as estepes da Mongólia, varejadas, em corridas doidas, pelas catervas turbulentas dos tártaros errabundos. Aos sertões do Norte, porém, que à primeira vista se lhes equiparam, falta um lugar no quadro do pensador germânico. Ao atravessá-los no estio, crê-se que entram, de molde, naquela primeira subdivisão; ao atravessá-los no inverno, acredita-se que são parte essencial da segunda. Barbaramente estéreis; maravilhosamente exuberantes... Na plenitude das secas são positivamente o deserto. Mas quando estas não se prolongam ao ponto de originarem penosíssimos êxodos, o homem luta como as árvores, com as reservas armazenadas nos dias de abundância e, neste combate feroz, anônimo, terrivelmente obscuro, afogado na solidão das chapadas, a natureza não o abandona de todo. Ampara-o muito além das horas de desesperança, que acompanham o esgotamento das últimas cacimbas. Ao sobrevir das chuvas, a terra, como vimos, transfigura-se em mutações fantásticas, contrastando com a desolação anterior. Os vales secos fazem-se rios. Insulam-se os cômodos escavados, repentinamente verdejantes. A vegetação recama de flores, cobrindo-os, os grotões escancelados, e disfarça a dureza das barrancas, e arredonda em colinas os acervos de blocos disjuntidos – de sorte que as chapadas grandes, intermeadas de convas, se ligam em curvas mais suaves aos tabuleiros altos. Cai a temperatura. Com o desaparecer das soalheiras anula-se a secura anormal dos ares. Novos tons na paisagem: a transparência do espaço salienta as linhas mais ligeiras, em todas as variantes da forma e da cor. Dilatam-se os horizontes. O firmamento sem o azul carregado dos desertos alteia-se, mais profundo, ante o expandir revivescente da terra. E o sertão é um vale fértil. É um pomar vastíssimo, sem dono.⁴⁴

Canudos – formada com início na Fazenda Canudos, transformada em Belo Monte por Antônio Conselheiro e hoje, Açude Cocorobó – se localizava no interior do Estado da Bahia, perto de Monte Santo e Uauá. Bacurau não existe na realidade, mas pelas imagens do filme, ela se localiza no oeste de Pernambuco. O cenário usado foi a cidade da Barra, no sertão de Seridó, no Rio Grande do Norte. Apesar das locações diferentes, Bacurau se assemelha a Canudos na fauna, no clima e no relevo. A natureza é um elemento muito presente no enredo do longa, seja na semente dourada alucinógena de Damiano ou no espinho que fere a mão de Michael, semelhante as “folhas urticantes, com o espinho, com os gravetos estalados em lanças” percebidas por Euclides no sertão nordestino. O clima quente do dia é claramente sentido pelos forasteiros, que reclamam do calor intenso, enquanto pelos moradores da cidade, é cotidiano e familiar.

⁴⁴ CUNHA, 2018, p. 134-135

Em “O Homem”, segunda parte da obra, Euclides da Cunha forma o perfil do Sertanejo, levando em conta o ambiente em que ele vive, a sua etnia e seu momento histórico, pondo em prática as teorias deterministas que o autor seguia. “O sertanejo é, antes de tudo, um forte.” Apesar dessa conhecida frase, o segundo episódio de *Os sertões* se define como um apanhado de ofensas e degradações ao sertanejo. Mesmo sendo um estudo antropológico, a escrita do autor é recheada com discriminações raciais, conveniente para o pensamento da época. Mas ainda assim, sua formação do perfil do sertanejo é detalhada e reconhece a singularidade deste povo.

É o homem permanentemente fatigado. Reflete a preguiça invencível, a atonia muscular perene, em tudo: na palavra remorada, no gesto contrafeito, no andar desaprumado, na cadência langorosa das modinhas, na tendência constante à imobilidade e à quietude. Entretanto, toda esta aparência de cansaço ilude. Nada é mais surpreendedor do que vê-la desaparecer de improviso. Naquela organização combatida operam-se, em segundos, transmutações completas. Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormecidas. O homem transfigura-se. Empertiga-se, estadeando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto; e a cabeça firma-se-lhe, alta, sobre os ombros possantes aclarada pelo olhar desassombrado e forte; e corrigem-se-lhe, prestes, numa descarga nervosa instantânea, todos os efeitos do relaxamento habitual dos órgãos; e da figura vulgar do tabaréu canhestro reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias. Este contraste impõe-se ao mais leve exame. Revela-se a todo o momento, em todos os pormenores da vida sertaneja – caracterizado sempre pela intercadência impressionadora entre extremos impulsos e apatias longas.⁴⁵

Em *Bacurau*, é possível ver a dualidade dos moradores em situações diferentes. No início, a comunidade está calma e unida para velar o corpo de Dona Carmelita. Cada um mantém seu comércio, seu consumo e seu lazer. Na recepção de Tony Junior, eles se escondem, evitando o confronto direto e recusando dar atenção às mentiras do prefeito. Mesmo com as vaias consequentes da persistência do prefeito, nenhum morador dá as caras. Porém, depois dos constantes ataques, eles recorrem ao anti-herói foragido, se arma até os dentes e revida, mostrando incrível força e sede de justiça. Depois de falar do Jagunço, do Vaqueiro e do Sertanejo, Euclides introduz a figura de Antônio Conselheiro e as origens de Canudos.

Já em 1876, segundo o testemunho de um sacerdote, que ali fora, como tantos outros, e nomeadamente o vigário de Cumbe, em visita espiritual às gentes de todo

⁴⁵ Ibid., p. 208-209

despeadas da terra, lá se aglomerava, agregada à fazenda então ainda florescente, população suspeita e ociosa, "armada até aos dentes" e "cuja ocupação, quase exclusiva, consistia em beber aguardente e pitar uns esquisitos cachimbos de barro em canudos de metro de extensão", de tubos naturalmente fornecidos pelas solanáceas (canudos-de-pito), vicejantes em grande cópia à beira do rio. Assim, antes da vinda do Conselheiro, já o lugarejo obscuro – e o seu nome claramente se explica – tinha, como a maioria dos que jazem desconhecidos pelos nossos sertões, muitos germens da desordem e do crime. Estava, porém, em plena decadência quando lá chegou aquele em 1893: tajupares em abandono; vazios os pousos; e, no alto de um esporão da Favela, destelhada, reduzida às paredes exteriores, a antiga vivenda senhoril, em ruínas... Data daquele ano a sua revivescência e crescimento rápido. O aldeamento efêmero dos matutos vadios, centralizado pela igreja velha, que já existia, ia transmudar-se, ampliando-se, em pouco tempo, na Tróia de taipa dos jagunços. Era o lugar sagrado, cingido de montanhas, onde não penetraria a ação do governo maldito.⁴⁶

“População suspeita” e “armada até *aos* dentes” cabe também como uma descrição do povo de Bacurau, que não chegou a sofrer da mesma decadência de Canudos antes da chegada de uma figura imponente, mas estava em crise ao ver seu povo morrendo cada vez mais pelas mãos de desconhecidos.

[...] as caatingas são um aliado incorruptível do sertanejo em revolta. Entram também de certo modo na luta. Armam-se para o combate; agridem. Trançam-se, impenetráveis, ante o forasteiro, mas abrem-se em trilhas multívias, para o matuto que ali nasceu e cresceu. E o jagunço faz-se o guerrilheiro-tugue, intangível... As caatingas não o escondem apenas, amparam-no.⁴⁷

Em “A Luta”, Euclides finaliza sua obra detalhando as expedições das tropas do Estado que resultaram no extermínio e no genocídio dos moradores de Canudos. Antes que a cidade percesse, houve reação e resistência. Três investidas mataram muitos canudenses e poucos soldados, mas ainda assim enfraqueceu muito as tropas, surpreendidas pela luta dos seguidores de Conselheiro que sequer cogitavam a rendição.

Reagiu. Era natural. O que surpreende é a surpresa originada por tal fato. Canudos era uma tapera miserável, fora dos nossos mapas, perdida no deserto, aparecendo, indecifrável, como uma página truncada e sem número das nossas tradições. Só sugeriria um conceito – e é que, assim como os estratos geológicos não raro se perturbam, invertidos, sotopondo-se uma formação moderna a uma formação antiga, a estratificação moral dos povos por sua vez também se baralha, e se

⁴⁶ Ibid., p. 289-290

⁴⁷ Ibid., p. 357

inverte, e ondula riçada de sinclinais abruptas, estalando em faults, por onde rompem velhos estádios há muito percorridos.⁴⁸

Os moradores da fictícia Bacurau, ainda que em contextos diferentes, também sofreram ataques que visavam à extinção completa de sua população. Enquanto Canudos não era vista no mapa, Bacurau foi retirada. As investidas pelo grupo de estrangeiros tiraram a vida de crianças, mulheres e homens de diversas idades, assim como o exército extinguiu com quase toda a vida dos residentes de Canudos, sem distinguir sexo ou idade. Mesmo resistindo a três expedições, os canudenses padeceram. Bacurau resiste assim como Canudos, mas a reação final na ficção cinematográfica salvou o povo sertanejo da extinção eminente. Na narrativa de Euclides e na memória coletiva sobre a Guerra de Canudos, duas coisas sobrevivem: o repúdio ao genocídio covarde e a admiração pelo espírito de luta e de força do povo sertanejo.

3.3 O Peregrino messiânico e O Cangaceiro andrógino

A figura emblemática de Antônio Conselheiro é um dos pilares da história de Canudos. Nascido em 1830, Antônio Vicente Mendes Maciel perdeu sua mãe quando tinha apenas 4 anos e seu pai aos 25 anos de idade. Viveu em Quixeramobim, Ceará, até 1858, quando se muda para Sobral com sua Esposa. Entre Sobral, Campo Grande e Ipu, trabalhou como caixeiro, escrivão do juiz de paz e requerente no fórum, mas abandonou os afazeres após sua esposa o trair com um sargento da polícia. Vagou pelo Sertão de Pernambuco e Sergipe, vivendo de esmolas e conquistando seguidores e fiéis sem que tivesse a intenção, até chegar na vila de Itapicuru-de-Cima, Bahia.

Apareceu no sertão do norte um indivíduo, que se diz chamar Antônio Conselheiro, e que exerce grande influência no espírito das classes populares servindo-se de seu exterior misterioso e costumes ascéticos, com que impõe à ignorância e à simplicidade. Deixou crescer a barba e cabelos, veste uma túnica de algodão e alimenta-se tenuamente, sendo quase uma múmia. Acompanhado de duas professoras, vive a rezar terços e ladainhas e a pregar e a dar conselhos às multidões, que reúne, onde lhe permitem os párocos; e, movendo sentimentos religiosos, vai arrebanhando o povo e guindo-o a seu gosto. Revela ser homem inteligente, mas sem cultura". Estes dizeres rigorosamente verídicos, de um anuário impresso *centenares* de léguas de distância, delatam bem a fama que ele já granjeara⁴⁹.

⁴⁸ Ibid., p. 502

⁴⁹ Ibid., p. 268

Nessa vila, foi preso por supostamente assassinar sua esposa e mãe, mas depois de ser interrogado e levado de volta a sua cidade natal, as acusações foram derrubadas por falta de evidências.

Chegando à terra natal, reconhecida a improcedência da denúncia, é posto em liberdade. E no mesmo ano reaparece na Bahia entre os discípulos, que o aguardavam sempre. Esta volta – coincidindo, segundo afirmam, com o dia que prefixara, no momento de ser preso – tomou aspectos de milagre. Tredobrou a sua influência.⁵⁰

Depois disso, Conselheiro andou por todo sertão baiano, reconstruindo muros de cemitérios e renovando igrejas. A multidão que o seguia erguendo imagens do Divino crescia cada vez mais, e suas pregações impressionava a todos que ouvissem.

Ele ali subia e pregava. Era assombroso, afirmam testemunhas existentes. Uma oratória bárbara e arrepiadora, feita de excertos truncados das Horas Marianas, desconexa, abstrusa, agravada, às vezes, pela ousadia extrema das citações latinas; transcorrendo em frases sacudidas; misto inextricável e confuso de conselhos dogmáticos, preceitos vulgares da moral cristã e de profecias esdrúxulas... Era truanesco e era pavoroso. Imagine-se um bufão arrebatado numa visão do Apocalipse... Parco de gestos, falava largo tempo, olhos em terra, sem encarar a multidão abatida sob a algaravia, que derivava demoradamente, ao arrepio do bom senso, em melopeia fatigante. Tinha, entretanto, ao que parece, a preocupação do efeito produzido por uma ou outra frase mais decisiva. Enunciava-a e emudecia; alevantava a cabeça, descerrava de golpe as pálpebras; viam-se-lhe então os olhos extremamente negros e vivos, e o olhar – uma cintilação ofuscante... Ninguém ousava contemplá-lo. A multidão sucumbida abaixava, por sua vez, as vistas, fascinada, sob o estranho hipnotismo daquela insânia formidável. E o grande desventurado realizava, nesta ocasião, o seu único milagre: conseguia não se tornar ridículo...⁵¹

Sua popularidade era cada vez maior, e suas profecias conquistaram a fé e a confiança de moradores de todos os cantos do Sertão nordestino. A República finalmente dava suas caras pela região por meio de imposições de impostos e regulamentações que atrapalhavam a tentativa de reconstrução livre de propriedades lideradas por Conselheiro. Começou, então, a pregar contra a República. Se instala em um pequeno arraial chamado Canudos e, lá, revitaliza a cidade, tornando-a centro de abrigo para centenas de pessoas que sofriam com a fome, a sede e a miséria. O peregrino, com *status* messiânico, batiza a região

⁵⁰ Ibid., p. 272-273

⁵¹ Ibid., p. 274-275

de Belo Monte. Depois disso, o que segue é a história que levou à campanha de canudos, as expedições e a eventual derrota dos *Conselheiristas* e de seu líder, mencionadas no primeiro capítulo deste trabalho.

O personagem Lunga, de *Bacurau*, não tem uma história de origem contada. A primeira menção feita a ele é uma denúncia de foragido exibida na TV. A procedência dele, portanto, é criminosa. Até boa parte do filme, as menções são pequenas, mas trabalham para construir a imagem misteriosa que cerca o personagem. Depois dos ataques sofridos pela cidade, Pacote decide enfim recorrer a Lunga, que se esconde em um açude abandonado. À primeira vista, o personagem veste trajes simples e reclama da fome. A sua extravagância está contida nas unhas, pintadas de preto. Só quando o personagem vai até Bacurau e aceita descobrir quem está por trás dos assassinados é que sua imponência atinge o ponto alto.

A cidade o recebe com aplausos e elogios. Mesmo estando foragido por tanto tempo, os moradores estão aliviados com a presença dele – assim como os seguidores de Conselheiro, quando ele é absolvido das acusações de assassinato. Plínio comenta sobre a escrita de Lunga, dizendo que ele não devia ter parado de escrever. Com sua chegada, Lunga traz esperança à cidade ao mesmo tempo em que recebe dela a fé de que ele será o elemento de virada da situação de Bacurau – e assim acontece. Liderados por ele, os moradores enfrentam o inimigo, usando das armas do museu para obliterar aqueles que almejavam extinguir toda a cidade.

Ainda que o elemento messiânico de Conselheiro não seja completamente traduzido na postura de Lunga, a motivação de luta da cidade nele se assemelha muito aos jagunços e moradores ordinários que, em nome de Conselheiro, pegaram em armas e defenderam Canudos nas primeiras investidas militares.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste trabalho foi identificar como obras clássicas da literatura brasileira mantém sua relevância e magnitude na contemporaneidade por meio das diferentes manifestações culturais que tomam inspiração nessas obras, usando como exemplo, *Os sertões*, com sua reverberação atemporal de valor poético e social, e *Bacurau*, com sua antropofagia cultural.

Diante do que foi abordado, pôde-se notar as referências à *Os sertões* ainda cedo no cinema brasileiro, ao analisarmos o artigo de Sheila Schavarzman e o grande panorama da trajetória do cinema subdesenvolvido feito por Paulo Emílio Salles Gomes. A obra-prima de Euclides da Cunha rompeu fronteiras de tempo e espaço com seu caráter denunciativo, sua escrita analítica e artística e sua importância sociológica. Mesmo guiado por uma filosofia errônea eticamente em sua abordagem com as etnicidades, Euclides compreende a força daquele povo que, injustamente, sofreu um dos maiores massacres da história brasileira, e o faz justiça. Esses escritos que, de início, não passavam de um diário jornalístico, hoje se mostra uma relíquia da literatura nacional, e as menções e referências a esse texto nas mais diversas manifestações culturais não cessam de existir. O cinema brasileiro-nordestino, em si, é produto resultante do legado de *Os sertões*.

E *Bacurau*, em suma, é cinema brasileiro-nordestino, e portanto, é *Os sertões*: sua concepção tomando de conceitos populares em filmes norte-americanos – como aqueles que preencheram por anos o cinema no Brasil, invadindo a cultura nacional e se aproveitando de seu subdesenvolvimento; A narrativa da cidade do interior do nordeste, ameaçada de extinção pelo próprio governo que, ao invés de a contemplar como parte da nação, a vê como diferente; A figura de um homem, incentivando um povo a recorrer as suas rudimentares armas para defender sua própria sobrevivência; A natureza, viva e protetora daqueles que a habitam; E o sertanejo, antes de tudo, um forte.

Este trabalho, por fim, comprova a intervenção cultural e a presença da obra clássica de Euclides na elaboração do filme de Mendonça Filho e Dornelles, e abre ainda um panorama para possíveis pesquisas futuras sobre as relações entre clássicos da literatura brasileira com produções de grandes obras cinematográficas, ainda que não sejam adaptações diretas. O impacto dos escritos de Euclides na manufatura do enredo de *Bacurau* não se limita apenas a um diálogo direto, ou uma referência literária: na alma do filme, que é a resistência sertaneja, a obra literária serve de alicerce.

5. REFERÊNCIAS

ANDRADE, Olímpio de Sousa. *História e interpretação de “os sertões”*. 3.ed. São Paulo: Edart, 1996.

BACURAU. Direção de Kléber Mendonça Filho, Juliano Dornelles. Recife: Vitrine Filmes, 2019. 1 DVD (132 min.).

BERNARDET, Jean-Claude; CANDIDO, Antonio; GALVÃO, Maria Rita Eliezer; SEGALL, Maurício; XAVIER, Ismail. *Cinema: trajetória no subdesenvolvimento*. Filme Cultura, ano XIII, p. 2-4, jul./ago./set, 1980.

BRASÍLIA. G1. Sem máscaras, Bolsonaro, filho e ministros comemoram a independência dos EUA em Brasília. *G1*, Brasília, 2020. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/07/04/sem-mascaras-bolsonaro-e-ministros-comemora-dia-da-independencia-dos-eua-em-almoco-com-embaxador.ghtml>>. Acesso em: 16 de out. 2020.

CUNHA, Euclides da, 1866-1909. *Os sertões* (campanha de canudos) / Euclides da Cunha; edição, prefácio, cronologia, notas e índices Leopoldo M. Bernucci. – 5. Ed. – Cotia, SP: Ateliê Editorial; São Paulo: SESI-SP editoria, 2018.

DOURADO, Pedro. Cineastas Brasileiros: Kleber Mendonça Filho. *Instituto de Cinema*, 2020. Disponível em: <<https://institutodecinema.com.br/mais/conteudo/cineastas-brasileiros-kleber-mendonca-filho>>. Acesso em: 16 out. de 2020.

GOMES, Paulo Emílio Salles. *Cinema: trajetória no subdesenvolvimento*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIMA, George M. A. de. *Os bacamarteiros de caruaru*. 2013. 126 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, 2013.

MARQUES, Mariana. O que podemos esperar de Bacurau, filme de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles. *Instituto de Cinema*, 2019. Disponível em:

<<https://institutodecinema.com.br/mais/conteudo/o-que-podemos-esperar-de-bacurau-filme-de-kleber-mendonca-filho-e-juliano-dornelles>>. Acesso em: 16 out. de 2020.

RAMOS, E.; MEYER, P. Q. V.; FIGUEIREDO, M. S. H. Hamlet passeia na savana. *Literartes*, [S. l.], n. 2, p. 23-39, 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/literartes/article/view/62356>>. Acesso em: 16 out. 2020.

SÃO PAULO. Itaú Cultural. ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: *Itaú Cultural*, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa221091/kleber-mendonca-filho>>. Acesso em: 16 de out. 2020.

SAMOYAUULT, Tiphaine. *A intertextualidade*. Trad. Sandra Nitri. São Paulo: Hucitec, 2008.

SCHVARZMAN, Sheila. *Os sertões do cinema*. ALCEU, Rio de Janeiro, v. 12, n.24 - p. 94 a 108 - jan./jun. 2012.

SHARF, Zack. The Best Movies Eligible for the 2021 Oscars Right Now. *IndieWire*, 2020. Disponível em: <<https://www.indiewire.com/gallery/best-movies-eligible-2021-oscars/>>. Acesso em 11 de out. de 2020.

VEIGA, Edison. Dados indicam crescimento do neonazismo no Brasil. *DEUTSCHE WELLE*, 2020. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/dados-indicam-crescimento-do-neonazismo-no-brasil/a-53985901>>. Acesso em 16 de out. de 2020.